

HILDEGARD STAUSBERG

O Brasil não ganhou a Copa, mas os jogos foram bonitos e o temido caos não aconteceu. Nem mesmo o 7 a 1 contra a Alemanha teve consequências negativas nas relações bilaterais: os brasileiros, embora decepcionados, foram bons perdedores; os alemães, vencedores felizes, mas não esnobes na vitória.

Pesquisas da BBC Country Poll Rating mostraram que, em decorrência do “Ano da Alemanha”, que terminou em junho de 2014, o tradicional e estreito relacionamento entre os dois países melhorou em 25% – ao passo que a popularidade da China caiu em 4% e a dos Estados Unidos em 14%.

Agora, o Brasil se encontra em ritmo de eleições presidenciais marcadas para o dia 5 de outubro. Inicialmente, concorriam três candidatos: a presidente atual, Dilma Rousseff, que governa desde 2010 pelo partido de esquerda, o Partido dos Trabalhadores (PT), o ex-governador de Minas Gerais Aécio Neves, pelo partido de centro-direita, o Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB), e Eduardo Campos pelo Partido Social Brasileiro (PSB).

Porém, em meados de agosto o candidato Campos morreu em um acidente de avião. A sua morte causou um terremoto no cenário eleitoral, mesmo tendo figurado somente em terceiro lugar nas pesquisas. Será que ele poderia ser alavancado ao segundo lugar, forçando um segundo turno contra Dilma Rousseff? É justamente isso que muitas pesquisas estão apontando a partir da candidatura de Marina Silva, candidata a vice-presidente de Campos e de grande popularidade no setor ambiental, tanto no Brasil como no mundo todo. Com a morte de Campos ela passou a defender seu legado. Será que o duelo tido como certo para o segundo turno, “Rousseff versus Neves”, poderá ser alterado para um duelo entre damas, “Rousseff versus Silva”?

Nos anos passados, Rousseff ganhou respeito como tecnocrata resolvida, mas ela não possui o carisma do seu antecessor e mentor Lula – este cativa as pessoas, já o jeito áspero de Dilma Rousseff não agrada. É respeitada, porém não amada. Por outro lado, não teve uma herança política fácil: o escândalo do “Mensalão” da era Lula a acompanhou em sua gestão. Ademais, Lula não soube aproveitar as perspectivas econômicas fantásticas da sua gestão para realizar as reformas necessárias.

Há tempo que os casos de corrupção do PT alcançaram o governo de Rousseff. A sociedade de economia mista “Petrobras” comprou, em 2006, nos Estados Unidos, ações de uma refinaria no valor de 360 milhões dólares que tinha sido comprada, no ano anterior, por um grupo belga, por 42 milhões de dólares. A soma total que fora transferida no final da transação foi de 1,18 bilhões. Estran-



O Brasil e a Alemanha tradicionalmente têm muitas coisas em comum. No entanto, neste momento o assunto mais importante são as eleições presidenciais no Brasil: será Dilma Rousseff reeleita ou terá que sair?

Uma amizade com grande potencial

Hamburgo vive a 32ª edição do Encontro Econômico Brasil-Alemanha. O evento oferece informações sobre as possibilidades no mercado e possibilita encontros com executivos dos dois países

nhamente, na ocasião, Rousseff era diretora do Conselho Fiscal da Petrobras. Será que ela não sabia de nada?

Rousseff e Silva foram colegas no governo de Lula. Mas Marina Silva renunciou ao cargo de ministra do Meio Ambiente e também deixou o PT. Foi candidata nas eleições de 2010 pelo Partido Verde (PV) e obteve 19% dos votos. Diferentemente de Rousseff, a guerrilheira de uma família de classe média alta, Silva nasceu em um ambiente familiar humilde de extrema pobreza. Milhões de brasileiros se identificam com a luta pela sobrevivência vivida por ela.

Sua propaganda de campanha contra a corrupção pode atrair muitos jovens eleitores, decepcionados com os doze anos de governo do PT. Como membro de uma igreja protestante, Marina Silva defende posições conservadoras, como a não aceitação do aborto ou de casamentos gay, o que pode aumentar ainda mais o seu potencial eleitoral.

Enquanto isso o PT tenta atrair, de sua maneira costumeira, eleitores através dos programas de assistência so-

cial, mas é neste ponto que se nota uma queda brutal na confiança dos eleitores. Muitos brasileiros estão altamente endividados, o crescimento econômico parou, a inflação aproxima-se dos 10% a.a, a cota dos investimentos está baixa, profissionais especializados são raros, o Brasil produz de forma muito cara em comparação ao mercado mundial e não possui força de concorrência. “O ‘Custo Brasil’, isto é, as despesas com a burocracia brasileira, paira como uma nuvem pesada sobre o país.

O PT apostou na América Latina, na rede econômica e política do Mercosul, que basicamente tem como objetivo principal um mercado forte dentro do bloco. A situação da Argentina preocupa – afinal, é o terceiro maior parceiro econômico do Brasil e um país para onde os produtos industriais brasileiros são exportados, diferentemente, do que ocorre com a China.

As coisas andam melhores na região dos países da Aliança do Pacífico: México, Columbia, Peru e Chile. O conceito econômico de mercado adotado os faz ser competitivos internacionalmente e atrai investimentos reais do exterior, não apenas dinheiro do banco de desenvolvimento chinês.

Será que o Brasil finalmente vai olhar nesta direção? Será que a entrada do Brasil, iniciada por Lula, na comunidade dos países do BRICS trouxe enfim o tão esperado impulso de renovação? Parece que não. Os bilhões que o banco de desenvolvimento da China pretende investir no Brasil vão para projetos de infraestrutura, visando apenas um transporte mais eficiente das matérias primas do país.

Para Stefan Zoller, diretor da Brazil-Board, Associação Federal da Indústria Alemã, a Alemanha poderia se tornar um parceiro mais inovador. Cerca de 1,6 mil empresas alemãs estão “bem posicionadas” no Brasil e poderiam gerar algo em torno de 20% da produção industrial. “No entanto, não podemos deitar sobre os louros”, comenta Zoller, uma vez que a China está há muito tempo querendo “tomar conta do Brasil em todos os níveis”.

As empresas alemãs estão em desvantagem nas licitações do governo brasileiro, já que só as ofertas baratas são consideradas, informa Zoller. Além disso, seria necessário um acordo de dupla tributação (veja página 2) e menos burocracia. “Isto não será fácil, mas o esforço vale a pena; afinal haverá um próximo desafio em 2016, com as Olimpíadas no Rio de Janeiro”. A conclusão das obras em importantes arenas esportivas ainda se encontra distante e, justamente pela demora na concretização das obras, haverá necessidade de mudanças rápidas referentes ao planejamento e a realização.



Buildings

Industrial plants

Infrastructure

Your partner for construction projects in Brazil.


HOCHTIEF
 DO BRASIL

A ZECH GROUP company

www.hochtief.com.br
www.zech-group.com

ENTREVISTA COM O MINISTRO DO EXTERIOR DA ALEMANHA, FRANK-WALTER STEINMEIER

DIE WELT: Senhor Ministro, qual o valor do Brasil na política externa da Alemanha?

FRANK-WALTER STEINMEIER: O Brasil nos fez conhecer um anfitrião muito simpático, especialmente na recente realização primorosa da Copa do Mundo, que tem sido tão positiva para o nosso time e os nossos fans. E mesmo que o país atualmente não esteja nas manchetes internacionais, o Brasil continua sendo para nós um parceiro muito importante na formação de uma globalização responsável. Como “país industrial do sul”, o Brasil pode construir pontes importantes, em especial para os países da América Latina e da África.

Juntamente com o Brasil, estamos nos empenhando por uma reforma modernizadora do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Há pouco tempo apresentamos em conjunto, nas Nações Unidas, uma resolução para a proteção da esfera privada na era digital. Aqui se mostra com muita clareza o potencial da nossa cooperação de mútua confiança.

O que se espera do recém-estabelecido acordo para consul-

tas periódicas entre os dois governos?

Queremos aprofundar o diálogo político em todas as áreas e entrelaçá-lo politicamente. Ao lado dos temas centrais mencionados, isso se refere a uma cooperação aprofundada nas áreas da ciência e da pesquisa, como também a troca de experiências na formação profissional. Não se deve subestimar, também, a área de cooperações no uso de energia regenerativa e na eficiência do uso de energia.

Aonde o senhor vê potencial para melhorias?

Ainda há muitos jovens brasileiros que, pela barreira da língua, recebem em aproveitar a oportunidade de estudar na Alemanha, apesar da existência de bolsas atraentes. Por isso queremos ampliar as ofertas para se aprender o nosso idioma. Vejo necessidade de agir em áreas econômicas, onde empresas alemãs enfrentam problemas em conectar as suas localizações brasileiras de produtividade às redes globais de forma mais eficiente. Porém, estou otimista que faremos progressos nesta área, assim como num acordo de dupla tributação.

As perguntas foram formuladas por Hildegard Stausberg

BRASIL & ALEMANHA

SAUDAÇÃO
MARIA LUIZA RIBEIRO VIOTTI,
EMBAIXATRIZ DO BRASIL

Multiplicando oportunidades, fortalecendo compromissos

A edição deste ano do Encontro Econômico Brasil-Alemanha ocorre logo após um excepcional evento para os dois países. Os brasileiros se associam às celebrações da vitória alemã na Copa do Mundo FIFA 2014, não apenas como anfitriões, mas também como admiradores do futebol.

Estamos orgulhosos de termos podido organizar um grande evento, muito bem sucedido e em clima de grande alegria, que confirmou a fama do Brasil como um país hospitaleiro e acolhedor, tendo de modo satisfatório recebido mais de um milhão de visitantes estrangeiros, 95% dos quais gostariam de voltar, de acordo com pesquisa do Ministério do Turismo.

A Copa aproximou ainda mais alemães e brasileiros. As visitas da Chanceler Federal Angela Merkel, que se deslocou ao Brasil duas vezes durante a Copa e encontrou-se com a Presidenta Dilma Rousseff, fortaleceram ainda mais as relações bilaterais, que vêm paulatinamente ganhando novo impulso, especialmente nas dimensões de inovação, ciência e tecnologia e sustentabilidade. Numerosas iniciativas nas áreas econômica e comercial, em energias renováveis, em meio ambiente e mudança do clima, em educação, em qualificação profissional, ciência e tecnologia e em segurança cibernética têm demonstrado o valor estratégico e mutuamente relevante de nossa cooperação.

Nesse contexto, ganham importância os preparativos para a primeira reunião das Consultas de Alto Nível Brasil-Alemanha, que elevarão ao mais alto nível político os esforços para intensificar ainda mais a história bem-sucedida da parceria Brasil-Alemanha.

O BRASIL NUM PISCAR DE OLHOS

Geografia política A República Federativa do Brasil é em área e população a quinta maior do mundo. É o maior e mais populoso país da América do Sul, com mais de 200 milhões de habitantes, da qual em área ele possui 47%. O Brasil faz fronteira com todos os países sul-americanos, com exceção do Chile e do Equador.

Língua oficial português

Capital Brasília

Economia Com um PIB (Produto Interno Bruto) por volta de 2.243 bilhões de dólares (2013), o Brasil representa a sétima maior economia popular do mundo. Os ramos mais importantes são a prestação de serviço, a indústria e a agricultura. Entre 2004 e 2011, o crescimento econômico ficou na média de 4,3 %, mas tem caído bastante. O maior mercado para exportação é a União Europeia, seguidos da China e dos EUA.

Moeda Real brasileiro (1 BRL = 100 centavos = 0,32 €)

Turismo O cidadão alemão precisa para uma estadia de até 90 dias no Brasil de um passaporte que, no dia da entrada, seja válido por pelo menos seis meses.

Clima Na maior parte tropical, com poucas oscilações da temperatura entre as estações do ano; no sul subtropical, o clima é mais ameno.

Etnias Originalmente quatro grupos de população formam o Brasil, estes são tão abrangentemente misturados que muitas vezes não é possível uma determinação clara: portugueses, os colonizadores originais; africanos, trazidos como escravos ao Brasil; imigrantes, principalmente da Europa e da Ásia; assim como grupos étnicos da família de língua tupi e guarani – que são os índios nativos.

Flora e fauna Brasil é considerado o mais rico país em espécies da terra.

História O Brasil foi, desde 1500, colônia portuguesa; tornou-se soberano em 1822; a monarquia foi abolida em 1889 por um golpe de estado, quando então se tornou uma república.

PETER RÖSLER

O resultado de gols com que a economia do Brasil está perdendo a luta por um crescimento satisfatório desde 2011 é 5 a 2. Precisaria de um aumento de 5% para resolver os múltiplos problemas estruturais, constatou a comissão de economia da ONU para a América Latina. No entanto, na média, só dois pontos percentuais foram alcançados e, para 2014, teme-se um novo recuo do crescimento para 1% apenas.

Mas, afinal, qual é o motivo para o fraco desempenho da economia brasileira? A causa certamente não está no potencial do país; com as suas gigantescas reservas naturais na agricultura, mineração, no volume de água e no setor energético, o gigante sul-americano se destaca em uma posição de liderança. O Brasil tem uma indústria desenvolvida, um mercado interno crescente, um setor de exportação em expansão e reservas de divisas de 375 bilhões de dólares. O setor financeiro e a agricultura lucraram com medidas intervencionistas e a estabilidade política conta a favor do país.

Por que, então, será que a economia do Brasil não está dando passos que condizem com a imensa riqueza do país? A resposta está no grande número de gols contra que o Brasil insiste em marcar – praticamente todos os problemas são de fabricação caseira. As medidas implantadas pelo governo ameaçam a saúde financeira do setor energético, através de metas muito baixas nos preços pelo fornecimento de combustível e energia. Ao passo que produtos de alta qualidade podem ser importados do exterior, o governo protege o mercado interno, favorecendo as produções nacionais, que só em parte conseguem acompanhar a concorrência no mercado. A política monetária e fiscal se desequilibra entre os estímulos para obter um crescimento econômico satisfatório e as medidas que visam manter sob controle a inflação, que está por volta de 6,5 % anuais atualmente.

O problema principal, porém, não é o que o governo está fazendo e, sim, o que ele está deixando de fazer. Os investimentos diretos do exterior, em tese, enfrentam poucas restrições legais, mas, na prática, enfrentam demasiados obstáculos a serem superados. Há muito se discute sobre a necessidade de diminuir a alta carga tributária e simplificar o complicado sistema tributário, sem nenhum progresso.

As autoridades também não ignoram que toda a infraestrutura de transporte – portos, rodovias, estradas e aeroportos – representam um problema gravíssimo para os setores da importação e da exportação. Mesmo assim, as melhorias no setor estão acontecendo de forma lenta demais. O Estado teria que investir três vezes mais para obter melhorias significativas. Stefan Fuchs, um fabricante de produtos de limpeza, comenta: “É um país complicado. E por ser complicado, o Brasil atrapalha a si mesmo.” (Die Welt, 22.06.2014). A produtividade de quase todos os setores da economia deixa a desejar. E isto não se deve só às complicadas exigências feitas à economia privada e às deficiências na infraestrutura. O sistema educacional ineficiente



São Paulo é o centro econômico e financeiro mais importante do Brasil assim como o maior polo industrial da América Latina

Problemas de origem caseira

Comparado às enormes riquezas naturais que possui, a economia deveria crescer fortemente. Mas a dinâmica perdeu sua força. Por que será?

RELAÇÕES ECONÔMICAS BRASIL-ALEMANHA

O volume de negócios entre o Brasil e a República Federal da Alemanha diminuiu levemente no último ano. De acordo com os dados do Instituto Federal de Estatística, em 20 bilhões de euro em comparação ao ano de 2012. As exportações das empresas alemãs para o Brasil caíram em 2,7%, para 11,4 bilhões de euro, e as importações alemãs do Brasil recuaram em quase 16%, para 9 bilhões de euro. Com isso, o Brasil perdeu um lugar no ranking dos parceiros comerciais da Alemanha e ocupa agora o 22º lugar. Os principais produtos de exportação do Brasil para a Alemanha são o ferro mineral, a soja, o café, aviões civis, cobre e óleo bruto.

O Brasil importa da Alemanha, principalmente, carros, peças e acessórios para carros, produtos químicos e farmacêuticos, assim como máquinas.

O Encontro Econômico Brasil-Alemanha, que acontece anualmente e significa o encontro mais importante entre empresários dos dois países, teve um novo recorde de visitantes em 2013. Na 3ª edição dele, em São Paulo, foram discutidas novas potencialidades de colaboração nas áreas de infraestrutura, inovações, matérias-primas e energia, assim como os desafios nas megacidades e da assistência médica.

O processo do século do Brasil

Como o mais alto juiz do país acabou com um lamaçal de corrupção

HILDEGARD STRAUSBERG

No mundo, existem poucos presidentes de cortes supremas que se tornam manchete de primeiras páginas em jornais. Mas isso não se aplica a Joaquim Benedito Barbosa Gomes, que até 1º de agosto deste ano esteve à frente do Supremo Tribunal Federal do Brasil. O jurista de quase 60 anos alcançou, na sua terra, um grau de popularidade de dar inveja aos seus colegas no mundo afuera. Notoriedade que levou muitos brasileiros a criar expectativas em relação a um engajamento partidário na política; porém Barbosa não se decidiu ainda.

Qual o segredo de tanto sucesso? É a sua intrépida incorruptibilidade. Foi com ela que ele se tornou um herói nacional ao participar do julgamento do maior escândalo político da história do Brasil, que ficou conhecido como “Mensalão” e envolvia deputados de diversos partidos políticos. Eles teriam sido “estimulados”, mediante pagamentos mensais ilegais de até oito mil dólares, a “apoiar” o então presidente Luis Inácio Lula da Silva, o primeiro presidente socialista do país, empossado em 2003.

Com o apoio, governar ficou mais fácil para o então presidente, que criou para o seu partido, o Partido dos Trabalhadores (PT), um exército que garantia a obtenção calculável da maioria em votações no Se-

nado. Quando se descobriu essas práticas, iniciaram-se as investigações, que duraram mais de sete anos e envolveram mais de 600 testemunhas. Só então, José Dirceu, o homem de maior confiança de Lula, pode ser apontado e julgado como cabeça do esquema do “Mensalão”.

Nos primeiros anos do governo de Lula, José Dirceu ocupava o importante cargo de ministro-chefe da Casa Civil; nenhuma decisão importante podia ser tomada sem antes passar pela mesa do ex-guerrilheiro. Ainda hoje Lula nega qualquer conhecimento a respeito do “Mensalão”. Ele e os demais condenados no esquema continuam tentando diminuir a importância do “processo do século”, assim chamado pelo também ex-presidente, Fernando Henrique Cardoso. Lula chegou a chamar Barbosa de justiceiro político. Mas isso em nada diminuiu o prestígio do primeiro negro a assumir a Presidência do STF, pelo contrário, Barbosa ficou mais popular ainda.

Em junho de 2003 Barbosa tornou-se membro do STF por in-

dicado do então presidente Lula. Mas diferentemente do que Lula havia imaginado, Barbosa não se tornou um juiz leal a ele, mas sim, um lutador pelos direitos e contra a corrupção alastrada no Brasil.

Além disso, denunciou a discriminação racial: “Há racismo no Brasil, porém não se fala a respeito”, enfatizou por muitas vezes. Muitos brasileiros agradecem a Barbosa por sua franqueza com simpatia incessante. No entanto, o seu pior inimigo é a sua própria saúde. O ex-ministro sofre de um grave mal nas costas que o acompanha há anos; outro problema é seu temperamento esquentado que, por várias vezes, levou-o a dar declarações que mais tarde ele teve que retirar.

O sucessor de Barbosa é o até então vice-presidente do STF, Enrico Ricardo Lewandowski, um amigo íntimo de Lula. Os envolvidos no escândalo do Mensalão devem estar aliviados porque Lewandowski sempre foi favorável à absolvição. Mais um motivo pelo qual muitos brasileiros esperam um retorno breve de Barbosa a um cargo importante.



Juiz Joaquim Barbosa Gomes no processo do “Mensalão”

Dupla tributação diminui os negócios

Durante quase 30 anos empresas e pessoa físicas lucraram com um acordo entre o Brasil e a Alemanha que evitou a dupla tributação. Este, porém, foi anulado pela Alemanha em abril de 2005, com um prazo incomum, inferior a três meses, sob a alegação de que o Brasil estaria ferindo princípios básicos da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e não precisava mais de privilégios para o seu desenvolvimento.

O sistema fiscal brasileiro, que tem status constitucional, determina, via de regra, a tributação pela renda a nível global. A anulação do acordo levou inevitavelmente a um encarecimento dos investimentos diretos e das atividades empresariais alemãs no Brasil. Também trouxeram desvantagens consideráveis às pessoas físicas, que tem residências nos dois países. Até mesmo especialistas enviados pela Alemanha sofrem consequências negativas, no caso de suas estadias ultrapassarem um determinado tempo.

Para as empresas pioraram também as condições básicas da tributação do lucro. Há impostos especiais sobre os ganhos operacionais locais e determinações estranhas à OCDE para os preços de transferência, como a determinação prévia das margens de rendimento bruto. O sistema fiscal brasileiro também

te e uma lei trabalhista favorável ao trabalhador reduzem as forças inovadoras. A Associação Central da Indústria Elétrica Alemã (ZVEI) calculou, em julho de 2014, que a produtividade real, que leva em conta, além do trabalho, também o estoque de capital aplicado, hoje no Brasil não está mais alta do que em 1960.

Apesar de fortes aumentos nos salários, os consumidores estão agindo com cautela e isso também se deve ao alto nível de endividamento das pessoas na economia doméstica. As vendas no mercado interno caíram. A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automóveis (ANFAVEA) anunciou para o primeiro semestre de 2014 um recuo de vendas de 16,8 %. Os fabricantes alemães de automóveis reagiram à esta situação com medidas de redução de produção. O clima entre os empresários brasileiros é de desânimo.

Ao contrário de todos os prognósticos, a Copa do Mundo não trouxe estímulos à conjuntura econômica brasileira. Em menos de três meses após a Copa, o Brasil terá eleições presidenciais. O país precisa de um “capitão” que esteja pronto a dirigir seu time à vitória, mesmo que seja com medidas impopulares. Isto inclui redução nas importações e nos impostos, diminuição de subvenções e uma rigorosa luta contra a corrupção.

A refinação das matérias primas nacionais deve ser de competência do Estado. Sem uma reforma radical no direito trabalhista e no sistema educacional, o Brasil dificilmente alcançará os países industrializados e a China. No caso de sua reeleição, a presidente Dilma Rousseff deverá encarar esses desafios de frente. Até agora, esperava-se poder “pegar carona” com a locomotiva China, mas a China interessa principalmente o suprimento a longo prazo de suas necessidades por matérias primas nos setores da energia e da alimentação, assim como a ampliação de sua influência política. Grandes créditos sob condições generosas fazem parte de sua estratégia política. A China paga matérias primas com produtos industriais. Os investimentos correm principalmente da China para a América do Sul. Uma forte dependência de exportações de matérias primas e créditos baratos da China dificilmente podem ser interessantes para o Brasil.

Sendo a sétima economia do mundo, o Brasil é de uma importância estratégica para a economia alemã. 1500 empresas alemãs são responsáveis por 14% da produção industrial brasileira. Alemães e produtos alemães são bem vistos no Brasil, não só desde a Copa do Mundo. No entanto, a falta de um acordo de dupla tributação obstrui a cooperação econômica e tecnológica. O potencial para uma ampliação dos investimentos no Brasil ainda é enorme, apesar dos muitos obstáculos e da estagnação atual. “O mercado das máquinas pesadas recuou, assim como o volume de grandes pedidos do governo diminuiu”, comenta o chefe da MAN, Georg Pächta-Reyhofen, sobre o resultado da empresa no país americano em maio de 2013. “Mesmo assim, o Brasil ainda continua sendo um mercado muito forte para nós, inclusive um mercado de crescimento”. Nos próximos anos, a economia brasileira deve se recuperar, estima.

BRASIL & ALEMA, NHA

SOLVEIG FLÖRKE

Mesmo com o desastre contra a seleção alemã, o resultado da festa de quatro semanas por ocasião da Copa do Mundo, dentro e fora dos gramados, tem aspectos extremamente positivos. Os brasileiros foram anfitriões maravilhosos e receberam com muito carinho os visitantes do mundo inteiro, mesmo após sua eliminação. Até o último momento, na final da Copa do Mundo, no estádio do Maracanã, os brasileiros mantiveram a excelente hospitalidade e muito calor humano. Em especial, o Rio de Janeiro deixou os visitantes internacionais, mais uma vez, fascinados não só pelo clima, quase sempre muito bom, mas também pela boa organização e animação. Não houve o caos temido, excesso de violência ou manifestações em massa. Ao mesmo tempo, os procedimentos nos aeroportos e estádios ocorreram tranquilamente. Os brasileiros organizaram a Copa a seu modo, com muito improviso, mas também com muita raça e criatividade.

Todavia, a metrópole do Pão de Açúcar não precisa de megaeventos para se mostrar viva e colorida. Por todo lado há uma rica ornamentação: as sandálias havaianas, os biquínis, as unhas, os guarda-sóis e as pipas que sobrevoam, com bom vento, aos milhares nos telhados da cidade. Há muita animação também nas praias entre cadeiras e caixas térmicas cheias de cerveja. Em um primeiro momento, passa o vendedor com camarões fritos; depois, outro com biscoitos; mais tarde o sorvete e o vendedor de óculos de sol e, naturalmente, um artesão oferecendo seus próprios e originais produtos confeccionados com sementes de plantas.

Infelizmente, as ruas do Rio de Janeiro estão sempre lotadas. Quando o trânsito está parado, os tranqüilos motoristas de ônibus compensam a lentidão cantando um samba-reggae de Ivete Sangalo em voz alta e batucando sobre o volante.

Já na linha percorrida pelo BRT (Bus Rapid Transit - Transporte Rápido por Ônibus) tudo se passa de forma mais tranqüila: nada de música. As conexões dos rápidos ônibus azuis do Rio são um efeito imediato da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos de 2016.

Existente já há alguns anos, a linha Transoeste percorre cerca de 60 km em direção à Zona Oeste da cidade; já a Transcarioca, inaugurada há poucos meses, leva diretamente ao aeroporto internacional na Zona Norte da capital.

Uma das maiores expectativas da população do Rio em relação aos megaeventos esportivos, e em especial para os Jogos Olímpicos, é uma acentuada melhoria da infraestrutura da cidade. A extensão nas pequenas linhas do metrô, iniciada há mais de dois anos, exige muita paciência por parte da população. Túneis são cavados, ruas são abertas para que, com pesadas máquinas, se trabalhe o subterrâneo. "Provavelmente, sem a Olimpíada, essas obras não seriam realizadas", presume Sérgio, que trabalha como salva-vidas na Barra da Tijuca e gasta uma hora no percurso de sua casa para o trabalho. "Mes-



A lendária metrópole do Rio de Janeiro se apresenta alegre e colorida sem precisar de mega-eventos como a Copa ou a Olimpíada

Após o jogo é antes do jogo

A Copa do Mundo melhorou a infraestrutura do Rio de Janeiro. Muitos habitantes, porém, não se beneficiaram com isso e esperam pela Olimpíada de 2016

mo assim quem tira proveito da extensão da linha do metrô são as pessoas ricas dos bairros da zona sul."

Assim, como no esporte, os eventos fazem surgir vencedores e perdedores. Apenas uma pequena parte da população se beneficia das melhorias feitas por ocasião da Copa do Mundo, o que explica o fato de o entusiasmo e as expectativas em torno dos jogos daqui a dois não estarem tão acentuadas. Um dos que andam animados, porque já se beneficiou com a Copa do Mundo, é o empresário José Luis Monteiro. Dono de uma pequena empresa de concreto recebeu um pedido para quatro grandes rampas em volta do estádio do Maracanã. Isto lhe assegurou o orçamento para os próximos dois anos, o que lhe permite pensar em novos investimentos, informa Monteiro. Sua empresa teve também participação no projeto de ônibus da Transcarioca.

No início de suas atividades como empresário, Monteiro obteve orientações no Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Carlos Alberto dos Santos é gerente técnico desta instituição social autônoma, que oferece apoio a pequenas empresas nas áreas de marketing e planejamento. O Sebrae forneceu 370 milhões de dólares a pequenas e médias empresas registradas para atuar nos preparativos da copa em todas as doze cidades em que se realizaram jogos.

Os números pouco importam ao salva-vidas Sérgio. "A minha esposa tem uma

lojinha em Campo Grande", conta ele. Para o seu negócio não houve nenhum benefício. Pelo contrário, teve prejuízo por causa dos feriados adicionais nos dias dos jogos da seleção brasileira. "Os Jogos Olímpicos e a Copa só acontecem em alguns bairros", lamenta. Como a maioria dos brasileiros, ele gostaria de ver também melhorias nas áreas de educação e da saúde.

As vozes dos manifestantes do ano passado não se calaram, mas diminuíram um pouco. As exigências, porém são as mes-

mas. "Em vista disso, a eliminação da seleção foi o melhor a acontecer, a conquista do título teria abafado os problemas", diz Sérgio. Como fã de natação, o salva-vidas pode ter esperanças por um triunfo esportivo no próprio país: César Cielo, o nadador de nado livre, que já ganhou medalhas olímpicas de ouro e de bronze, nada, a partir desde ano, pelo Minas Tênis Clube de Belo Horizonte. Em 2016 o nadador quer que lágrimas de alegria corram pelas faces dos brasileiros, independente do trauma do futebol.



IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Nomes O que é que as celebridades, o ex-presidente Lula e o ídolo de futebol Pelé tem em comum com brasileiros totalmente desconhecidos como o jardineiro Uelington e o bancário Deivid Washington Jr? É muito simples: são os nomes bem doidos. O jeito de dar nome aos filhos é, provavelmente, a área que melhor mostra a criatividade de muitos brasileiros. São campeões mundiais em dar apelidos, corajosos na escolha dos nomes e incansáveis no agrupamento dos sobrenomes. Quer um exemplo? Cantinho da Vila Alencar da Corte Real Sampaio Rodrigues - são seis sobrenomes, isso realmente existe. Igualmente há Chaplin ou Kennedy como primeiro nome. Também já conheci um Helmer Marinho e um Klinsman da Costa. Assim, é extremamente popular dar nomes de pessoas famosas aos filhos. Seja no intuito de expressar admiração ao célebre padrinho, seja para dar um tipo de um carma para a vida inteira. Voltando ao Pelé (na foto), que na verdade se chama Edison Arantes do Nascimento, homenageando o inventor e empresário americano que escreveu história em 1888 com a invenção da lâmpada incandescente, este fez o mesmo como jogador de futebol. O sobrenome de Thomas Alva Edison foi então transformado em nome próprio pelos pais de Pelé. Também o ex-presidente Lula se identificou tão bem com o seu apelido, que o incluiu oficialmente em seu passaporte. No Brasil vale a seguinte regra: qualquer palavra que já foi impressa pode ser dada como primeiro nome. Mesmo na escrita dos nomes, os cartórios parecem aceitar tudo que estiver na imaginação dos pais. Assim "Wellington" vira "Uelington" e "David" se torna "Deivid".



PA/DRAPATRICK SEEGER

ANZEIGE



Camisetas fazem propaganda para a Olimpíada de 2016

O "chefão" do Rio de Janeiro

Para Eduardo Paes podem esperar desafios maiores no futuro

HILDEGARD STAUSBERG

Ele é um "carioca da gema", nascido na cidade do Rio de Janeiro. Foi ali que Eduardo Paes, de 45 anos, começou a sua carreira política, tendo como base a política comunitária. Não é nenhum novato, já que aprendeu a fazer política desde cedo. Mais tarde, mudou-se para Brasília, eleito deputado federal, para trabalhar no parlamento nacional. Retornou depois a sua cidade natal para exercer o cargo de secretário do Meio Ambiente e, em 2007, tornou-se secretário de Esporte e Turismo pelo estado do Rio de Janeiro. Como titular da pasta, organizou os Jogos Pan-Americanos, no governo de Sérgio Cabral. O sucesso do evento e o crescente grau de popularidade o levaram a ser eleito prefeito da cidade do Rio de Janeiro um ano mais tarde. Manteve uma harmoniosa relação com Cabral e isso foi muito vantajoso para ele, assim como para a cidade. No passado, tensões constantes entre governadores e prefeitos tinham repetidamente prejudicado a capital, que, por vezes, se encontrou em estado de calamidade.

A cidade do Rio de Janeiro já foi a capital brasileira, título que foi transferido para Brasília, cidade planejada na prancheta. A transferência da capital refletiu em uma importância política e teve consequências na economia da cidade, assim como na autostima "imperial" de seus cidadãos.



O Prefeito Eduardo Paes prepara o Rio de Janeiro para os Jogos Olímpicos de 2016

Eduardo Paes, 52º prefeito, prometeu levar a "sua cidade", outra vez, a dias de glória.

A oportunidade veio quando o presidente Lula da Silva, que governou de 2003 a 2010, quis levar não só a Copa do Mundo de 2014 para o Brasil, como também os Jogos Olímpicos de 2016 para o Rio de Janeiro. Eduardo Paes, no dia 12 de agosto de 2012, recebeu a Bandeira Olímpica das mãos do presidente da COI (Comitê Olímpico Internacional), Jacques Rogge. Desde então, os preparativos, em contagem regressiva, correm a todo vapor, e, paralelamente a isso, está claro que, há tempos, Eduardo Paes conta entre os homens mais importantes do Brasil.

Um olhar em sua "vita" explica porque ele se mostra apto frente aos desafios imensos. O carioca Paes entende bem o que os Jogos Olímpicos significam: uma chance única para a sua cidade. Somente a pressão que o campeo-

nato exerce pode tornar possível mudanças estruturais, que, sem a olimpíada, seriam impensáveis, assim como infantiáveis. Também aqui, conta a favor do homem esbelto e de estatura mediana a sua cordialidade amável, que lhe assegura a simpatia de pessoas de todos os níveis sociais. Além disso, ele é fluente em inglês e fala até mesmo um pouco de alemão.

O esperto e jovem político foi convidado por várias vezes pelo cônsul-geral alemão no Rio, Harald Klein, para participar de seminários políticos na Alemanha. Paes não esconde sua admiração pela economia social de mercado alemã e quer transferir o máximo possível dessa experiência para o Brasil. Naturalmente, ele sofre muitas críticas também, pois os preparativos para os Jogos Olímpicos estão mudando de muitas maneiras a vida da cidade. Mas ele continua se empenhando para o Rio ficar renovado e mais digno de se viver, deixando-se guiar por quatro lemas principais: a cidade do futuro há de ter mais cuidado com o meio ambiente, garantir mobilidade no sistema do transporte público, acelerar a integração social e se utilizar das possibilidades das inovações tecnológicas.

Qualquer um que já esteve no Rio sabe dos desafios que isso trará aos cariocas. Mas certo é também que se há alguém - sob a pressão da próxima olimpíada - que pode realizar a modernização do Rio de Janeiro, esta pessoa é Eduardo Paes.

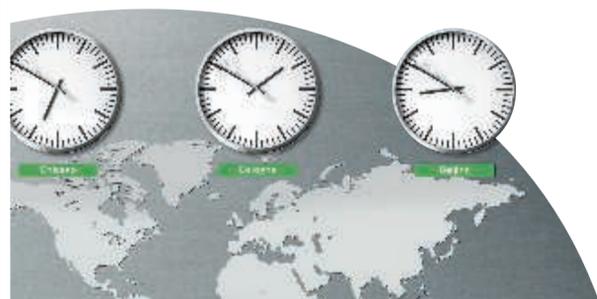


Time for new Contacts in Brazil and Cologne

Our events for the Brazilian economy

Trade fairs in Brazil		ProSweets Cologne*	01.02.-04.02.2015
UrbanTec Brasil, Rio de Janeiro	30.09.-02.10.2015	The international supplier fair for the confectionery industry	
Smart Solutions for better Cities			
International FoodTec Brasil, Curitiba	02.08.-04.08.2016	IDS*	10.03.-14.03.2015
International Supplier Fair for the Food Industry		36th International Dental Show	
An extract of our events in Cologne		Anuga FoodTec*	24.03.-27.03.2015
Kind + Jugend*	11.09.-14.09.2014	International supplier fair for the food and drink industry	
The Trade Show for Kids' First Years		interzum*	05.05.-08.05.2015
photokina	16.09.-21.09.2014	Furniture Production Interiors	
World of Imaging		gamescom	05.08.-09.08.2015
INTERMOT Cologne	01.10.-05.10.2014	The world's largest trade fair and event highlight for interactive games and entertainment (with trade visitor and media day)	
International Motorcycle, Scooter and Bicycle Fair		Anuga*	10.10.-14.10.2015
ORGATEC*	21.10.-25.10.2014	The leading trade fair for the global food industry	
Modern Office & Facility		aquanale*	27.10.-30.10.2015
imm cologne*	19.01.-25.01.2015	International Trade Fair for Sauna.Pool.Ambience.	
The international interiors show (open to the public on Friday, Saturday and Sunday)		FSB*	27.10.-30.10.2015
ISM*	01.02.-04.02.2015	International Trade Fair for Amenity Areas, Sports and Pool Facilities	
International Sweets and Biscuits Fair			

Status: 08.08.2014
* Admission restricted to trade visitors only



This is an extract of our next events. Here you can find the complete programme.

Tel.: +49 221 821-0
www.koelnmesse.com

BRASIL & ALEMANHA

IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Transporte marítimo de bens Em 2013 o Brasil importou, através do porto de Hamburgo, basicamente, fertilizantes e produtos químicos (62,4%), seguido a distância por máquinas, equipamentos e eletrodomésticos (7,2%), metais e produtos de metais (4,5%), veículos (4,3%), assim como, alimentos e estimulantes (3%). Exportou à Alemanha principalmente bens naturais, principalmente minérios, pedras e terra (59,9%), seguido por produtos da agricultura, agropecuária e bens florestais (18,1%), alimentos e estimulantes (7,6%), produtos químicos (2,3%) e máquinas, eletrodomésticos etc (1,5%). No total foram exportados, através de navios, 2,5 milhões de toneladas para o Brasil e importados para Hamburgo 4,61 milhões de toneladas.

Serviços de Linha Na navegação de carreira, vários portos são percorridos no mesmo itinerário, ao contrário da navegação direta. Entre o porto de Ham-



burgo e o Brasil, atualmente, operam três linhas de carreira. A companhia italiana de navegação, Grimaldi, opera seis navios, cada um com uma capacidade de carga de 850 standard-container (TEU) de 2500 m de cargas para bens móveis, como p.ex., automóveis. Eles circulam entre Hamburgo e a África Ocidental, assim como pela costa leste da América do Sul. A empresa Hamburg Süd opera entre Hamburgo e o Brasil num total de oito navios com a capacidade de carga 9800 TEUs assim como, 2100 container de refrigeração. Todos os navios da Hamburg Süd trabalham em alianças, isto é, outras empresas de navegação, como a Hapag-Lloyd e a Maerck, alugam espaços para carregamento. A empresa de navegação MSC, com sede na Suíça, transita com sete navios, com capacidade de carregamento entre 5500 e 6000 TEUs, entre o Brasil e Hamburgo. Em média três vezes por semana, um navio parte rumo ao Brasil, onde existem nove portos de containers importantes. De acordo com dados de 2013, o maior deles é o Porto de Santos, com uma capacidade de transbordo de 3,2 milhões de TEUs, seguido do porto de Paranaguá (731.000 TEUs) e o porto de Navegantes (676.000 TEUs). As maiores taxas de crescimento ficaram por conta das cidades portuárias Itapoá e Manaus, com aumento de 72,1% e 21,3% resp.. Todo trajeto circular, ida e vinda, do porto de Hamburgo leva entre 49 a 63 dias.

Café Conforme dados oficiais da Organização Internacional de Café, International Coffee Organisation, o Brasil é, de longe,



o maior produtor de café do mundo. Na safra do ano de 2011/2012 o país produziu 43,5 milhões de sacos de 60 kg, seguido do Vietnã com 20 milhões e da Indonésia com 8,3 milhões.

Aglomerado de transportes aéreos Em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, está surgindo um novo centro da aviação. O aeroporto internacional Tancredo Neves, que está sendo ampliado para ser um dos pontos de maior eficiência e de maior capacidade para embarque e desembarque entre o Brasil e a América Latina. O Centro de Tecnologia e Capacitação Aeroespacial (CTCA), o mais avançado centro de tecnologia e treinamento para a aviação aérea e espacial, será expandido. Uma faculdade estadual para tecnologia de aviação está em fase de planejamento. Também existem na região empresas que atuam no setor aeroespacial, como, por exemplo, a Embraer. *mv*



O eixo comercial histórico leva ao futuro

Sem o porto de Hamburgo não haveria comércio entre a Alemanha e o Brasil. Uma verdade hoje como há 140 anos



MICHAEL VOLBER

A Reeperbahn, o mercado de peixe, o velho túnel sob o rio Elba e a nova filarmônica são os cartões postais mais conhecidos da magnífica cidade portuária de Hamburgo. Recentemente, porém, ganhou mais um, muito especial, que fica na margem norte do rio Elba, ao lado da Überseebrücke (ponte do além-mar): é o velho navio de carga “Cap San Diego”, com 160 metros de comprimento, o maior navio-museu do mundo ainda em funcionamento. O cargueiro de mais de 50 anos é um símbolo em duplo sentido: por um lado representa o comércio naval, em especial com o Brasil, que se iniciou no início do século XIX e, por outro lado, simboliza a “Süd”, uma abreviação ao modo “hansêtico” do nome da “Sociedade de Navegação à Vapor de Hamburgo à América do Sul”. Fundada em 1871, a Hamburg Süd foi pioneira em serviços navais, pelos quais a então ultra-moderna “Cap San Diego” transportava bens clássicos como café, açúcar, tecidos, frutos tropicais, máquinas e carros em viagens circulares e regulares, entre Hamburgo e a costa leste da América do Sul. Desde 1988, quando da compra do navio, brilha este “cisne branco do atlântico sul” no porto da cidade, para divertimento dos visitantes.

Mesmo que a “revolução dos containers” tenha mudado bastante o transporte via mar, a lista dos bens transportados nesta linha ficou basicamente a mesma. Afinal, os negócios entre a Alemanha e o Brasil se caracterizam por uma longa tradição e por alta estabilidade.

“A América do Sul continua sendo uma das regiões de mercado mais importantes para o porto de Hamburgo”, diz

Axel Mattern, diretor de marketing do porto de Hamburgo. “Queremos ampliar as nossas relações sólidas com o Brasil. Ao contrário da China, onde as condições se alteram de forma muito rápida e imprevisível, com o Brasil encontramos uma situação que nos permite evoluir, embora mais lentamente, de forma independente das oscilações do mercado, além de haver tempo e espaço para avanços concentrados e objetivos. Em especial dentro da nossa função rotativa com o mercado exterior, que visa explorar também os mercados em crescimento do leste da Europa”, acrescenta.

Há muitos anos as atividades do porto acompanham o crescimento do uso dos containers no transporte de bens via mar. Quem olha com atenção às ruas do arraial do porto de Hamburgo os vê por toda parte: containers “secos” para bens e peças de todo tipo, containers isoladores e refrigeradores para bens que necessitam de determinadas temperaturas, containers “bulk” para entulho, containers “tanque” para bens líquidos, containers de plataforma para bens pesados. Um container, que além de capacidade específica também é usado como medida padrão (TEUs), tem 20 pés de comprimento (cerca de 6 metros), oito pés de largura (cerca de 2,5 metros) e 8,5 pés de altura (cerca de 2,6 metros). Por volta de 30 milhões dessas caixas de aço com medidas ISO estão circulando pelo mundo todo. Em 2013 9,3 milhões deles foram embarcados e desembarcados no porto de Hamburgo, cerca de 95.000 deles foram ao Brasil, cerca de 90.000 vinham de lá. Continham um total de 1,2 toneladas



Um monumento do comércio naval com a América do Sul: o navio-museu “Cap San Diego” está ancorado numa ponte do porto de Hamburgo

de bens dos mais variados, entre eles o café bruto, cuja importação conta tradicionalmente como uma das mais velhas tradições de comércio entre Hamburgo e o Brasil.

O container é descarregado no terminal CTA Altenwerder e transportado ao depósito de café Hohe Schaar, do Grupo de Café Neumann (NKG) Kala. A empresa fundada em 1956 no cais Sandtor como Armazém de Café Ltda tornou-se um verdadeiro “campeão”, desde que se mudou à Hohe Schaar, na margem sul do porto, em 2006. O diretor-executivo da empresa, Günther Brockhaus, parece o arquétipo do comerciante hansêtico: simpático, um pouco reservado, porém amável e sólido. No foyer do prédio modesto da empresa há uma foto na parede do ano de 1976 onde se vê o primeiro armazém de café bruto do mundo, na antiga sede da empresa. “Com ele provocamos um grito de indignação no comércio de café. Foi uma “quebra de tabu”, naquela época, estocar este estimulante sensível e caro em um armazém de aço em vez de dentro de sacos “românticos”, conta.

Hoje a instalação mais moderna do mundo neste ramo processa, em ritmo de trabalho de 24 horas, mais da metade do café que se toma na Alemanha, cerca de 100 milhões de xicaras por dia, 40% desta matéria bruta vêm do Brasil.

Em 330 celas de armazenagem, e passando por muitas fases de processamento, os grãos de café são examinados em sua integridade e qualidade, limpos, pesados, misturados conforme o gosto dos clientes e beneficiados através de secagem a vapor. O fato de todo o processo acontecer de forma totalmente automatizada em um total de dez andares, significa uma obra tecnológica extraordinária. No depósito, com uma capacidade de 35.000 toneladas, o café bruto pronto para ser torrado espera pelo seu transporte para as empresas de torrefação que atuam no mundo todo, como, p. ex., a Tchibo, Douwe Egberts, Darboven, Aldi, Starbucks, Nestlé, Deutsche Extrakt Kaffee e a Melitta.

Mesmo sendo um global player no império de café da NKG, que abrange cerca de 50 firmas individuais, a Kala manteve as tradições do norte da Alemanha. “Quando iniciamos o planejamento para a nova instalação supunhamos que precisaríamos da participação de especialistas de toda a Europa para a construção de nossa fábrica. No final, todas as 250 empresas que participaram vieram do norte da Alemanha”, conta Günther Brockhaus. “Agora também formamos jovens profissionais, altamente especializados, que são necessários para o funcionamento eficiente de nossa instalação. Estes não se encontram no mercado”, completa.

A especialização e a automatização do desembarque de bens navais hoje em dia se tornou tão importante como o processamento deles. Quem demonstra isso é a Hamburger Hafen und Logistik AG (HHLA) com o seu centro de refrigeração e frutas no maior terminal de frutas da Alemanha, localizado no cais O’Swald, onde anualmente mais de 100 navios entregam um volume superior a 50.000 toneladas de frutas, originadas, em sua maioria, da América do Sul e Central. “Pelo fato de o Brasil ter as mais variadas zonas climáticas, vem de lá toda a gama de frutas exóticas, do abacaxi às frutas cítricas”, diz Axel Hoeckrich, diretor-executivo da HHLA Frutas e Centro de Refrigeração Ltda. “As frutas brasileiras chegam sem exceção em containers refrigerados ao porto de Hamburgo”.

A refrigeração e o amadurecimento representam os aspectos mais importantes no terminal das frutas. Isto se aplica especialmente às bananas que precisam ser colhidas ainda verdes e obedecer a um processo de amadurecimento exato para serem entregues às prateleiras dos supermercados da forma como o cliente as quer. Entre os grandes clientes da HHLA figuram, entre outros, a multinacional de frutas Dole, que tem a sua central europeia diagonal ao cais O’Swald, e o gigante de varejo Edeka, que tem a sua própria empresa de maturação de bananas na redondeza imediata do areal do cais. Para atender às suas exigências, o centro de frutas foi equipado em 2006 com o galpão climático mais moderno do mundo, onde quatro câmaras refrigeradoras, individualmente controláveis, fornecem as temperaturas adequadas. Dirigidas por computadores, as bandejas com as caixas de bananas são transportadas aos seus lugares nos depósitos de prateleiras altas. Um software especial determina, observa e documenta, em todos os detalhes, o trajeto do navio refrigerador até a entrega aos caminhões. Até 350 bandejas por hora deixam a instalação rumo à maioria das regiões da Alemanha, à Escandinávia, ao Báltico e à Europa Central e do Leste.

“Através dos investimentos dos últimos anos nós estamos bem equipados para o futuro manuseio de frutas”, certifica Hoeckrich. As cifras atuais confirmam isto: o movimento aumentou no primeiro semestre de 2014 em 15%, para 283.000 toneladas. Também Axel Mattern se mostra otimista em relação ao futuro hamburgu-brasileiro: “O país tem um enorme potencial, no entanto enfrenta desafios imensos. Muitos de seus portos são muito pequenos e muito rasos. Às vezes, faltam por completo conexões de transporte para o interior e a barreira linguística do português dificulta a comunicação intercontinental”, comenta.



Sacos de café são estocados no galpão da NKG Kala, líder do mercado mundial, em Wilhelmsburgo (à esquerda). O chefe da rede Edeka, Markus Mosa, na maturação de bananas da firma, no O’Swaldkai



BRASIL & ALEMANHA



Bens de transporte naval são desembarcados no porto de Hamburgo em gigantescos terminais de Container. No Brasil, muitos Containers da rede Hamburg Süd são movimentados (como aqui, na Ponte Estaiada, em São Paulo)



ANDRÉAS LABEL (2); MARCELO FERREANDES (1); HAMBURG SÜD/CHRISTINA SPANBERG (2)

„O Brasil tem um enorme potencial e enfrenta desafios imensos“

Axel Mattern, diretor da Associação de Marketing do Porto de Hamburgo



HAMBURGO E O SEU PORTO

Mesmo que a área metropolitana de Hamburgo tenha sido povoada há muito tempo, desde o século IV A.C., o nome da cidade se originou bem depois, no século IX D.C., devido ao **Castelo de Hamma** (Hammaburg), um castelo de planície, cuja localização era onde atualmente se encontra a Catedral de Hamburgo. Fato este que só se comprovou em 2014. O castelo da Hamma foi em boa parte destruído pelos Vikings, no **século IX**, mas ganhou nova importância no século XII, com o início do comércio do Mar do Norte. No dia 7 de Maio, a cidade de Hamburgo festeja tradicionalmente o **Überseetag** – Dia do Ultramar –, e desde 1977 festeja também neste dia o aniversário do porto, com mais de um milhão de visitantes anualmente. Neste dia do ano de **1899** a cidade de 1500 habitantes, recebeu do Imperador Barbarossa uma carta de emancipação, que determinava os direitos da cidade referentes ao comércio, à alfândega e à viação fluvial. A partir de 1510 Hamburgo tornou-se **Cidade Livre da Liga Hanseática** e em 1558 foi aberta em Hamburgo a primeira Bolsa da Alemanha. Hoje a área municipal é formada pelos bairros de Altona, Bergedorf, Eimsbüttel, Harburg, Hamburg-Mitte, Hamburg-Nord e Wandsbek com 750 km², dos quais 74 km² pertencem ao **areal do porto** com seus 43 km² de muralhas do cais e 286 ancoradouros para navios marítimos. Hamburgo tem 1.815.000 de habitantes e em toda a região metropolitana vivem aproximadamente cinco milhões de pesso-

as. Cada um dos 1.142.000 das pessoas que exercem uma atividade remunerada ganha em média 82.000 € anualmente. Sua privilegiada localização fez da cidade, no decorrer dos últimos mil anos, o centro comercial e econômico mais importante do norte da Europa, possui excelentes conexões ferroviárias, fluviais e rodoviárias, bem como um **porto universal**, um dos mais importantes mundialmente. Além disso Hamburgo representa, com mais de 90 consulados, a segunda maior **praça consular** do mundo, atrás de Nova Iorque. O porto de Hamburgo emprega por volta de 170.000 pessoas e é com isso, o mais **importante empregador** da região. O seu desempenho econômico vem crescendo continuamente desde 2008. As mais recentes cifras do primeiro bimestre de 2014 apontam um crescimento de 8,6 por cento em comparação a 2013. Isso corresponde a um aumento de 2,8 milhões de toneladas de um total de 35,6 milhões de bens. Destes, 16,2 milhões (+5,5%) foram importados e 19,4 milhões (+12,4%) exportados. Seu valor conjunto totaliza mais de nove bilhões de euro. Os maiores parceiros mercantis são a China, a Rússia, Singapura, Finlândia e Polónia. O Brasil ocupa atualmente o 12º lugar. Em 2013, no porto de Hamburgo desembarcaram **9,3 milhões de Standard-Container** (TEU), dos quais 3,9 milhões seguiram por mar, 5,4 milhões por rodovias (59%), por ferrovias (39%) e vias fluviais (2%) para o interior do país. *mv*



Rebecadores na frente de escritórios e residências da Große Elbstraße

ALBERT KOCK

Já faz algumas décadas que brasileiros são clientes da Koelnmesse GmbH (Feira de Koeln Ltda). Em especial, a indústria alimentícia, tradicionalmente forte e orientada na exportação, é representada com destaque. Isto se deve ao fato das áreas da alimentação e da tecnologia alimentícia serem o núcleo de interesse dos negócios da Koelnmesse.

Feiras mundialmente importantes como a Anuga, a Anuga FoodTec ou a Feira Internacional de Doces e Biscoitos (ISM) atraem, principalmente, expositores e visitantes da América Latina porque ali, como também no Brasil, os alimentos representam um ramo muito importante, tanto para a economia nacional como para o setor de exportação destes países. Mas os negócios nos pavilhões da feira de Colônia já não são mais suficientes. A Koelnmesse e outras empresas de feiras já escolheram toda a América Latina, e em especial o Brasil, como foco de mercado em suas promoções para países do exterior. “Vemos as feiras satélites como um instrumento importante em nossa presença global”, disse Gerald Böse, presidente da diretoria da Koelnmesse GmbH. “As nossas feiras-guia no segmento de alimentação são marcas globais conhecidas, a partir das quais desenvolvemos filiais para os mercados regionais específicos do exterior, para poder atender os clientes aqui de uma forma ainda melhor.”

A Koelnmesse organizou recentemente, com a feira “International FoodTec Brasil”, e em conjunto com a Deutsche Messe AG, uma primeira edição desta natureza na cidade de Curitiba, capital do Paraná, que fica ao sul de São Paulo. Isto porque a cidade de dois milhões de habitantes é um centro importante da indústria de produção e manufatura de carne. Vários produtores renomados de fábricas de manufatura de alimentos, especialmente da Europa, pediram à Koelnmesse para ajudá-los na exploração do mercado brasileiro, por meio de um conceito específico de feiras especializadas.

O primeiro passo da Koelnmesse no Brasil foi dado com sucesso. Outros projetos estão sendo elaborados há muito tempo, visando também a participação em feiras já existentes que se instalaram com êxito. “Nós estamos entrando com muita energia positiva nos mercados brasileiros, mas também sabemos dos desafios existentes, tanto no Brasil como na América Latina”, afirma Gerald Böse. O mercado brasileiro de feiras é bem disputado por concorrentes nacionais e do exterior “e qualquer formato existente de feiras tem que conquistar o seu lugar com muito esforço”, resume o chefe



Gráfica do centro de exposições ao lado da Torre Oscar Niemeyer na baía de Botafogo no Rio de Janeiro

América Latina entra no foco de feiras alemãs

Alimentação e infraestrutura metropolitana são assuntos de destaque

de feiras de Colônia. “Ter sucesso no Brasil é, antes de mais nada, uma questão do parceiro certo.”

A Koelnmesse se orgulha de ter encontrado o parceiro ideal, para um evento de outra natureza realizado no Rio de Janeiro: A Fundação Getúlio Vargas

(FGV), com sede em São Paulo e no Rio de Janeiro, é muito conceituada, sendo uma instituição com funções das mais diversas no Brasil e em toda a América Latina e, também funciona como think tank (que produz e difunde conhecimentos e estratégias).

É um lugar de formação na área universitária – na Universidade de Economia se formou, entre outros, a presidente do Conselho da Petrobrás, Maria das Graças Silva Foster –, e funciona também como instituto de pesquisa de mercado e organizadora de eventos de grande importância. Agora, a Koelnmesse e a FGV se uniram para realizar, em 2015, um novo formato de feiras e congressos, a “UrbanTec Brasil”.

Afinal, as grandes cidades e áreas metropolitanas do Brasil e da América Latina estão enfrentando grandes desafios nos assuntos de infraestrutura, educação e previdência social. Isto requer know-how frente a uma urbanização crescente e ao surgimento de megacidades com as suas necessidades referente ao trânsito, energia, moradia, lixo e suprimento de água.

Depois que a Koelnmesse estabeleceu em Pequim uma parceria de muito sucesso com o formato da UrbanTec, ficou evidente que deveria iniciar um projeto parecido na América Latina. “Consideramos a Fundação Getúlio Vargas, com as suas excelentes ligações nacionais e internacionais, o parceiro ideal para a realização da primeira ‘UrbanTec Brasil’”, analisa Gerald Böse os motivos da cooperação. A feira também oferecerá novas chances para empresas alemãs que já são representadas no Brasil e dispõe de um know-how abrangente na realização de projetos de infraestrutura.



Um exemplo para o Rio: as instalações de queima de resíduos em Colônia-Niehl

Dos lixões à reciclagem

No Brasil cresce o interesse pelo know-how alemão

Quando Christoph Busch olha da janela de seu escritório, ao Norte de Colônia, para as unidades de incineração de resíduos de sua cidade, a imagem da cidade do Rio de Janeiro vem à mente do sóbrio gerente da empresa de coleta, eliminação e reciclagem de resíduos e lixo – a AVG de Colônia. Não só porque, no Rio de Janeiro, acompanhou por várias vezes os trabalhos de seus colegas brasileiros da empresa de lixo da Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro), mas também porque as cidades de Colônia e do Rio de Janeiro se comprometeram, através de uma parceria entre as duas cidades, firmada há quase três anos, a colaborar e se apoiar mutuamente no setor de prevenção e reciclagem de lixo.

“Parece bem simples, mas na prática não é tão fácil de se realizar”, diz, com um sorriso, o experiente especialista em coleta de lixo e reciclagem de Colônia. “Agora temos entre Colônia e Rio até

uma parceria de proteção ambiental, que abrange também a área econômica do setor, tratando em especial da eliminação e reciclagem do lixo”, explica Christoph Busch.

A reutilização ou a eliminação de lixo é realizada na Alemanha em outro nível que no Brasil. Mesmo que o governo brasileiro tenha decidido, recentemente, estabelecer novas metas para as cotas de reciclagem de lixo nas cidades, nas comunidades e nos estados brasileiros, ainda não foram vistos grandes progressos, nem mesmo nas grandes áreas metropolitanas, entre as quais está o Rio de Janeiro.

A cidade do Rio deveria estar reciclando pelo menos 25% de seu lixo, que tem o volume impressionante de 10.000 toneladas por dia. Na prática, porém, calcula-se um resultado de apenas 2 a 3% na reciclagem de plástico, vidro, papel ou concreto. “Aqui temos que agir com urgência, ainda mais no Rio de Janeiro, que quer ser uma cidade exemplar para o

resto do país”, comenta Christoph Busch.

No Brasil ainda é pouco conhecido o sistema alemão de uma reciclagem bem elaborada. Até mesmo os especialistas da Comlurb se espantaram com o fato das unidades de incineração de resíduos de lixo de Colônia produzirem energia elétrica para 250 mil casas da cidade, além da eliminação do lixo. Colocar em prática projetos desta natureza no Rio não é, no momento, prioridade para a cidade de Colônia e a suas geradoras de energia. “Isto ainda não está ao nosso alcance”, comenta, taxativamente, Busch. “Na área de aproveitamento do lixo orgânico já podemos, dentro da parceria de proteção ambiental com o Rio, iniciar um projeto em comum, novo e muito interessante: trata-se de dividir por partes o grande volume de ‘lixo verde’ que se compõe de folhas, galhos, árvores e todo tipo de plantas, para depois picá-lo em máquinas especializadas e, em seguida, utilizar como adubo.” Desta forma, se evita a formação de gases atmosféricos danosos e alivia os depósitos de lixo da cidade.

Um projeto que o Ministério de Cooperação Econômica e Desenvolvimento alemão (BMZ – Bundesministerium für Wirtschaftliche Zusammenarbeit und Entwicklung) e o seu setor de global engagement também acredita e já apóia uma unidade para o aproveitamento de lixo orgânico no Rio de Janeiro. “Estamos construindo uma unidade parecida àquela que já usamos com muito êxito em Colônia e estamos muito felizes com a colaboração da federação alemã com mais de 600.000 euros”, alegra-se Busch.

“Isto prova que a empresa de reciclagem e eliminação de lixo de Colônia, com todo o seu know-how adquirido ao longo de décadas na área de tratamento de lixo e reciclagem, pode oferecer um apoio sustentável. Talvez até possamos ajudar o Brasil e o Rio de Janeiro a evitar os erros que nós, por inexperiência, cometemos no passado. O Brasil pode também tirar proveito das nossas experiências”, diz Busch. *Albert Kock*



IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Premiações Por ocasião do acontecimento do Encontro Econômico Brasil-Alemanha, a Câmara da Indústria e do Comércio da Alemanha e a Câmara de Comércio teuto-brasileira premiam uma pessoa de destaque na vida econômica alemã e uma brasileira por seus méritos no relacionamento entre os dois países. Este ano, foram premiados o Sr. Reinhold Festge, presidente da Associação de Construtores Alemã, de construção de máquinas e de plantas de fábricas (VDMA), sócio responsável da



Reinhold Festge, presidente da VDMA

Haver & Boecker (Oelde), e o Sr. Antônio Roberto Cortes, presidente e diretor executivo da MAN (fábrica de máquinas Augsburg-Nürnberg) da América Latina e membro da Management – Boards da matriz da MAN em Munique.

Reinhold Festge veio pela primeira vez ao Brasil em 1977 e, desde então, mantém sua empresa no Brasil. Expandiu-a de forma contínua e consequente, sendo que, pessoalmente, mantém uma ligação muito íntima com o Brasil. Por ocasião da premiação, o chamado “rosto da fabricação de máquinas alemãs” manifestou seu desejo de que os políticos brasileiros “no futuro, primeiramente, controlem a inflação, obtenham mais controle sobre a moeda do Real e que o Real seja avaliado de forma mais realista”. *mv*



Antônio Cortes, presidente e CEO da MAN Latin America

O Surreal Os aumentos enormes nos preços dos alimentos não só fazem subir as preocupações referentes às necessidades básicas da população mais pobre do Brasil, como também assustam cada vez mais a classe média. Só em 2013, os preços, comparados ao ano anterior, sofreram reajustes astronômicos: farinha de mandioca alta de 151%; tomates de 122% e cenouras e pimentões de 89%. Não são poucos os alimentos, entre eles, leite fresco e iogurte, que são significativamente mais caros no Brasil do que na Alemanha, ainda mais se considerar que o Brasil possui uma renda bem inferior em relação aos altos salários alemães.

A Copa do Mundo gerou uma alta na inflação. Os preços subiram especialmente nas grandes metrópoles e nos pólos turísticos como, por exemplo, o Rio de Janeiro. Os preços da água de coco e dos refrigerantes dobraram na praia de Copacabana; um sorvete tornou-se artigo de luxo com preços por volta de 6 €. Nos restaurantes, uma porção normal de batata frita custa cerca de 10 € e um cachorro quente uns 7 €, fazendo buracos nos bolsos dos consumidores. À esta situação a popula-



ção do Rio, os cariocas, diz “chega”. No entanto, ao invés de reagir com passeatas raivosas, canalizam a sua frustração de forma criativa e enfrentam os preços exorbitantes com a criação de uma nova moeda: o “Surreal”. Idéia elaborada pelos webdesigners Patrícia Kalil e Toinho Castro, ao descobrir a página no Facebook “Rio Surreal”, onde pessoas colocam fotos de pratos caríssimos e contas vergonhosas. Em 15 minutos eles transformaram, por meio de *foto shop*, a pintura da república coroada de louro exposta na moeda nacional em uma moeda satírica que mostra o retrato do artista surrealista Salvador Dalí. As pessoas podem fazer download do “Surreal” e imprimi-lo, o que muitos brasileiros fazem entusiasmadamente. Em muitas cidades brasileiras, notas do “Surreal” já estão circulando. São entregues a comerciantes de mercados exorbitantemente caras e a donos de restaurantes que pedem preços absurdos como sinal de descontentamento, como para um bar na praia do Leblon, bairro nobre do Rio, que pede cerca de 30 € por um hambúrguer comum. A página do “Rio Surreal” conta atualmente com mais de 220 mil apoiadores. Mas provavelmente não terá o poder de baixar os preços – há pouco o Banco Central do Brasil anunciou uma provável elevação da inflação. *cle*

BRASIL & ALEMANHA

IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Diversidade de espécies Nenhum outro país dispõe de uma fauna e de uma flora tão variadas como o Brasil. Com um pouco de sorte pode-se encontrar animais especialmente raros, como por exemplo, os bichos-preguiça. Existem cinco espécies, dentre elas o preguiça-de-coleira, que está ameaçado de extinção porque somente habita em determinadas regiões da Mata Atlântica, entre o Estado da Bahia e o Rio de Janeiro onde muitas áreas da floresta já foram destruídas ou diminuídas.



GETTY IMAGES

Além disso, os bichos-preguiça estão sendo caçados devido a sua carne ser considerada uma iguaria. No meio da Mata Atlântica, a 300 km ao sul de Salvador, na Bahia, uma bióloga opera em uma unidade de assistência aos animais, onde se ajuda na recuperação de animais órfãos ou feridos. O Brasil é considerado o país dos pássaros. A gama se estende dos minúsculos beija-flores até as impressionantes emas, os maiores pássaros da América do Sul que, embora tenham desaparecido a voar, possuem pernas musculosas para a fuga. Das 9.700 espécies do mundo inteiro, 3.100 existem na América do Sul, destas quase 1.700 no Brasil. Cerca de 700 espécies têm seu habitat no Amazonas. Entre elas está o periquito dourado, que mede cerca de 35 cm, pesa apenas 250 g e tem plumagem amarela dourada e as asas de um verde escuro. As suas cores correspondem às cores da bandeira brasileira, o que faz do periquito dourado uma espécie de passarinho nacional. bil



WOLFFELSHER

SOLVEIG FLÖRKE

No extremo sul do Brasil, nas fronteiras com a Argentina e o Paraguai, elas trocam estrondosamente, as massas gigantes de água da Foz do Iguaçu. Quanto mais se aproxima, mais o rumor abafado se transforma em barulho retumbante. As cataratas do Iguaçu são mais largas do que as cataratas de Vitória do rio Sambesi, e mais altas do que as cataratas do Niágara. São até trezentos córregos de água, dependendo do volume de chuva, formadas por uma erupção vulcânica e pelo deslocamento das placas tectônicas sul-americanas há milhões de anos atrás, sendo a sua atração principal a famosa "garganta do diabo". Aqui, treze mil metros cúbicos de água por segundo são atiradas para baixo. Considerada uma das Sete Maravilhas da Natureza no mundo, a Foz do Iguaçu se localiza no meio da floresta tropical de um verde profundo. Muitas espécies de animais e plantas tem o seu habitat no Parque Nacional do Iguaçu e somente ônibus ou veículos licenciados podem se aproximar dele pelas estradas de acesso. A partir da quarta parada, um caminho asfaltado se serpenteia pelo mato. É a partir daqui que os visitantes, acompanhados por borboletas esvoaçantes, podem caminhar por cerca de duas horas ao longo da foz. Ainda secas no início, logo as roupas ficam molhadas pelo chuveiro das águas e arcos-íris brilhantes aparecem no céu. Enquanto as roupas voltam a secar pelo calor úmido, o mesmo não se dá com as lembranças únicas do espetáculo grandioso da natureza, que nos acompanham para sempre.

A cidade litorânea de Parati, localizada entre as megacidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, é uma verdadeira jóia histórica. Casarões coloniais do século XVII criam um cenário romântico que é único, dessa forma, no Brasil. No pequeno porto da cidade, onde se pode passear bem à vontade, observa-se pequenas lanchas de madeira muito coloridas que, na maioria das vezes, pertencem aos pescadores. Muitos deles oferecem passeios turísticos que contribuem para o aumento de suas rendas. Assim, pode-se explorar, por exemplo, o lado oposto da baía. Deva-



As cataratas de Foz de Iguaçu são mais largas que as de Vitória e mais altas que as Cataratas de Niágara. Cerca de 13.000 m³ de água caem às profundezas por segundo

Viagens bonitas, com profundidade

O Brasil mostra, além de suas metrópoles, uma natureza exuberante e romantismo da época colonial

gar, os velhos botes se aproximam do cais do outro lado das águas, e os passageiros observam fascinados um prédio branco de janelas azuis: é a Fazenda Boa Vista, que se localiza no alto de uma pequena praia cercada por palmeiras. E mesmo que a antiga destilaria de cana de açúcar esteja literalmente caindo aos pedaços, ainda está envolto por um brilho natural. Talvez seja a localização paradisíaca de Parati, entre o mar e a mata nativa, que crie este clima tão especial, ou talvez o fato de que a mãe dos escritores alemães Thomas e Heinrich Mann tenha passado

nesta casa a sua infância. Um festival de literatura que acontece anualmente lembra, entre muitas outras coisas, estes escritores alemães de raízes brasileiras.

O melhor jeito de se chegar às Ilhas de Fernando de Noronha é de avião, isso porque se localizam a 545 km de distância do continente, no meio do oceano Atlântico. O arquipélago de 21 ilhas atrai milhares de turistas do mundo inteiro pelas suas paisagens tropicais com praias de areias brancas e águas cristalinas. No entanto, o número de viajantes que podem se deliciar com elas é limitado.

Para se evitar a inundação turística do arquipélago, só até 328 passagens áreas, dependendo da estação, podem ser distribuídas por dia para Fernando de Noronha. O paraíso tem o seu preço: para a rígida forma de um turismo "suave" não só se tem de enfiar a mão bem fundo no bolso, como também arcar com um monte de papelada burocrática. No entanto, os visitantes são compensados ao assistir aos golfinhos em um de seus lugares favoritos e por experiências de mergulho com tartarugas gigantes. Tocor, no entanto, é expressamente proibido.

Por aqui, isto é bem diferente: em Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, a história colonial do Brasil parece poder ser tocada com as mãos: luminárias noturnas de ferro, portas de madeira com ornamentos artesanais, fachadas brancas com janelas coloridas. As pequenas vene-



GETTY IMAGES/MAGNUM

Ouro Preto: Igrejas barrocas como a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

sianas nas janelas fazem pensar em uma janela que dá para um delicado quarto de uma casa de bonecas. Na Praça Tiradentes percebe-se nitidamente a glória de dias passados. Ainda hoje ela envolve toda a cidade com suas igrejas magníficas, esculturas barrocas e ruas de paralelepípedos. Não é costumeiro no Brasil ter-se cidades do século XVIII tão bem conservadas. Quanto mais se aprecia a vista, mais se é transportado ao glorioso passado da cidade. Por todo lado há algo bonito para se ver: o teatro da cidade, por sinal o mais velho do Brasil, casarões lindos e palácios coloniais magníficos com suas sacadas ornamentadas e entradas cobertas, fontes barrocas, como o "Chafariz dos Contos" e lojinhas aconchegantes. A imagem da cidade é formada pela arquitetura do tempo

colonial. O centro histórico bem conservado pertence, desde 1980, ao patrimônio cultural da UNESCO. No auge de sua florescência, há uns 300 anos, Ouro Preto, situada a 1200 metros de altitude no alto das montanhas, foi tão rica como nenhuma outra cidade do chamado Mundo Novo. A causa da sua riqueza fez também surgir o seu nome: um ouro levemente apretejado pela corrosão de ferro oxidante. Com os primeiros achados em 1730, começou uma corrida pela sua extração. Uma verdadeira ganância pelo ouro estourou e, assim, chegaram mais de 100 mil pessoas à cidade, mais do que em qualquer outro lugar do Brasil. Os habitantes se dividiam em aventureiros europeus, na maioria de Portugal, que queriam participar nas extrações lucrativas, e escravos trazidos pelos senhores coloniais da África ao Brasil. Na maciça ponte de pedra da cidade estes eram oferecidos e comprados, há 300 anos, para extrair os valiosos recursos do chão de Minas Gerais para os seus donos. Apesar de sua arquitetura antiga, Ouro Preto é uma cidade muito viva. Há uma universidade federal muito renomada, o que se observa facilmente pelo grande número de estudantes. Estes ficam sentados em frente à prefeitura, ao sol, nos degraus das escadas, com as cabeças sobre os livros. As festas noturnas em suas repúblicas são refrescantes e lendárias e, sem fazer rodeios, convidam até os turistas para participar delas.

ANZEIGE

The Mayor



City of Cologne



Colônia se encanta com a geminação de cidades com o Rio de Janeiro

Departamento do Desenvolvimento Económico · Willy-Brandt-Platz 2 · 50679 Colônia
 Tel. +49/221/221-25765 · Fax +49/221/221-26686
 wirtschaftsfoerderung@stadt-koeln.de · www.stadt-koeln.de



Em Pomerode fala-se alemão

O estado de Santa Catarina se destaca pelas tradições alemãs

SOLVEIG FLÖRKE

O "barriga verde". É assim que se denominam, com muito orgulho, as pessoas do estado brasileiro de Santa Catarina. De qualquer maneira, os catarinenses podem se sentir orgulhosos com toda a razão: Santa Catarina, no sul do Brasil, tem muito a oferecer, além de paisagens lindas. Há praias de areia branca, florestas tropicais densas, vales profundos, montanhas e até mesmo estações de ano bem definidas. Esses cenários estão atraindo cerca de 21 milhões de turistas por ano.

A região de Urubici, na serra catarinense, porém, ainda é pouco conhecida. Essa região tem tudo o que faz sonhar os amantes da natureza: ricos prados, florestas de araucárias e de samambaias gigantes, cachoeiras barulhentas e capins altos entrecortados por rios e riachos. A região montanhosa é a mais fria do Brasil. É o único lugar onde cai neve todos os anos, mesmo que só por alguns dias. Ali também crescem uvas e maçãs, frutas dificilmente encontradas em outra parte do Brasil.

No vale do Rio Itajaí, boa parte colonizada por imigrantes alemães, encontra-se uma pedacinho da Alemanha em pleno Brasil. Os descendentes dos primeiros imigrantes, que chegaram a partir de 1850, conservam as tradições culinárias, o folclore, a arquitetura e as danças tradicionais, além de divulgarem as festas tipicamente alemãs. A cidade de Blumenau, o centro desta região, realiza há mais de 25 anos a segunda maior Oktoberfest do mundo.



PKY ROBERT HADSON

Colorida, chique e atraente: Florianópolis é a capital de Santa Catarina, estado de fortes influências alemãs

Em Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil, a maior parte da população ainda fala a língua alemã. "A cultura alemã é muito bem aceita e reconhecida. Cada vez mais brasileiros com raízes alemãs mostram grande interesse na cultura e na língua dos seus ascendentes. Quer se trate de tecnologia e de inovações alemãs ou da comida típica alemã, Santa Catarina é o lugar certo para se descobrir e achar tudo isso", afirma o alemão Otfried Schnabel, radicado em Blumenau há nove anos.

Para se chegar às praias a viagem é de apenas uma hora de carro: de Blumenau à Itapema, à capital, Florianópolis, ou ao balneário de Camburiú. Nessas cidades, as coisas acontecem tanto de dia como à noite e, mesmo assim, pode-se relaxar à

vontade. Penínsulas entrecortadas, baías isoladas e mar de águas cristalinas podem ser visitados em excursões de lanchas. A maior cidade, Itapema, tem a fama de ser um dos destinos de férias mais sofisticados e chiques.

Muitos turistas chegam pelos aeroportos de Navegantes e Joinville. Aqui também acontecerá o Encontro Econômico Brasil-Alemanha de 2015. Joinville e Jaraguá do Sul ocupam, com as suas indústrias metalúrgicas, o segundo maior pólo neste ramo no Brasil, atrás apenas de São Paulo. "É a razão pela qual a BMW decidiu vir para cá. No último bimestre de 2015, os primeiros carros por ela produzidos na América Latina deixarão as linhas de montagem", diz Otfried Schnabel.

BRASIL & ALEMANHA

ULRIKE WIEBRECHT

Existe uma brincadeira que diz que o que há de mais belo em Belo Horizonte é o nome. E, realmente, a capital mineira cresceu de forma muito rápida e desordenada para poder competir com pérolas historicamente desenvolvidas como Ouro Preto. O que se vê atrás do horizonte não serve de inspiração para se fotografar: vilas e pequenas cidades “sem rosto” desfilam ao longo da rodovia BR 381, que leva o viajante em direção ao sudoeste. Será que vale mesmo a pena viajar os 60 km de Belo Horizonte a Brumadinho? Mal se chega o vilarejo de Inhotim acaba com estas dúvidas. Logo ali, nos confins de Minas Gerais, e não no Rio de Janeiro ou em São Paulo, pode-se descobrir o mais importante projeto paisagístico e cultural da América Latina e que não se encontra semelhante no mundo. É um Mecca para amigos da arte contemporânea, colecionadores, galeristas, arquitetos, botânicos, críticos, mas também para crianças, excursões escolares e pessoas de todas as idades e classes sociais.

Brumadinho é o nome da cidadezinha de 35.000 habitantes, situada no Vale do Paraopeba. Em um vale muitas vezes coberto pelas neblinas da baixada do rio, o magnata de minério de ferro, Bernardo Paz, comprou uma fazenda, em 1980, que o encantou principalmente por uma árvore da espécie Tamboril. Pouco a pouco, ele foi ampliando o sítio e o transformou em um jardim paisagístico lindíssimo, projeto que teve participação fundamental do grande paisagista brasileiro, Roberto Burle Marx.

Depois de um encontro em Nova Iorque, o artista - reconhecido mundialmente - veio a Brumadinho, em 1984, e contribuiu decisivamente na criação do sítio, que, à época, era particular e não acessível ao público. Quem conhece as criações de Burle Marx na praia de Copacabana, imediatamente reconhecerá as linhas suaves e curvadas, que se desenhavam por todo o terreno de cerca de cem hectares. De forma aconchegante, os caminhos de passeio beiravam pequenos lagos, atravessavam campos cheios de flores e levam a pequenos morros.

Um palmeiral aqui, um bambuzal ali, e no meio de tudo Flamboyants de vários metros de altura; lírios e orquídeas brotando num mar de um verde exuberante.

Hoje em dia Inhotim representa, com 4.500 espécies de plantas, o jardim botânico mais rico em espécies do Brasil. No mundo não há maior aglomeração em espécies de palmeiras. Só isto já faz deste lugar um espetáculo sem igual. Mas há também a arte que, por sua vez, convence pelo valor superlativo: aqui se reúne mais de 500 obras de 97 artistas de 30 países, e fazem da visita uma viagem emocionante de descobertas sem fim. Em um momento, são as esculturas de bronze de duas pessoas que se abraçam, do artista Edgar Souza, aparecem ao longo do caminho; em outro, um mural dos artistas John Ahearn e Rigoberto Torres, que reproduzem guitarristas, batuqueiros, dançarinos, mulheres grávidas e pessoas andando de ônibus, que parecem vivas e reais.

Um pouco a frente, a “Viewing machine” - de Olafur Eliasson, quebra a paisagem montanhosa de Inhotim em partículas bizarras, por meio de um caleidoscópio gigante; em outros lugares, paredes em forma de labirinto e de cores muito vivas, de Hélio Oiticica, lembram a arquitetura de favelas brasileiras, e os trastes metálicos de 45 metros, de Chris Burdens, parecem alcançar o céu sob o lema de “Beam Drop”.

Enquanto se passeia confortavelmente por uma natureza cuidada de forma exemplar, que aparenta ser intocada e que se desenvolve de forma absolutamente natural, a todo momento se é surpreendido com esculturas e instalações novas, por vezes de dimensões grandiosas.

Não é só a qualidade dos objetos que impressiona, mas o jeito como foram incorporados às paisagens. Diferentemente de um museu, que apenas exhibe as obras de arte, por aqui muitas delas existem em um constante diálogo com o



Cerca de 500 obras de arte são expostas no jardim botânico de Inhotim, entre elas, o trio de fuscas, de Jarbas Lopes

Um fusca no mato

Inhotim é o projeto paisagístico e cultural mais importante da América Latina. A arquitetura, o design e a vegetação tropical formam uma simbiose única

meio ambiente. Enquanto Bernardo Paz, no início colecionava principalmente obras de arte moderna do Brasil, das quais pode-se ver diversos exemplares dos anos 60, mais tarde, dedicou-se cada vez mais à arte contemporânea internacional e contratou muitos artistas criativos para trabalhar juntamente no projeto Inhotim. Uma oferta que eles abraçaram com gratidão.

Aqui, os artistas encontraram um lugar onde puderam realizar a sua arte de forma livre, sem limitações por espaços ou regras rígidas. E, para o caso de as suas obras não terem a capacidade de resistir às condições climáticas, ou de envelhecer junto a estas, foram criados pavilhões e galerias lindíssimas sob a regência do arquiteto Paulo Orsini, que abrigam arte fotográfica de altíssimo nível, pinturas e vídeos e também instalações como a maravilhosa “True Rouge”, do artista brasileiro Tunga, que recolhe objetos do mar tingidos em vermelho em redes gigantescas.

Em outro prédio, escurecido, que tem as dimensões de uma sala de concerto, os visitantes podem escutar às misteriosas instalações sonoras de Janet Cardiff e John Bures Miller. Podem também deixar-se envolver, deitado em uma rede, pela obra “cosmococa”, de Hélio Oiticica, que mostra rostos gigantescos, inclusive o do próprio artista “Happening”, desfilarem nas paredes, participando assim de suas visões “Cocaine”. Já em outras obras de arte, como nas esculturas de madeira centenária, transformadas em bancos, pode-se até sentar ou subir como muitas crianças o fazem.

Poucas vezes o encontro com a arte decorre de forma tão agradável e descomplicada como aqui. Ninguém se sente reduzido ao papel do contemplador, que tenta decifrar mensagens mais ou menos codificadas. Pelo contrário, por aqui nada é imposto, mas a arte se estende de forma desprezenciosa ao longo dos caminhos. Passeia-se por ela, passa-se por cima dela, encontra-se no meio dela

ou até mesmo interage-se com ela, como é o caso das letras de barro, que podem formar palavras em um campo gramado - tudo de um jeito tão descontraído que fazem a alegria tanto de crianças de escola ou de soldados em férias educativas. Quem estiver em trajes de banho pode até mesmo pular na piscina. Ademais, lanchonetes oferecem vitaminas refrescantes de abacaxi e manga e no arejado restaurante Oiticica são servidas deliciosas saladas e pratos de pescado.

Aonde exatamente começa ou termina a arte não se sabe ao certo e também parece não fazer diferença. Ao final, fica a impressão de que o dia foi curto demais e deixa-se Inhotim com a sensação de se ter feito uma viagem maravilhosa pelo Brasil e de ter absorvido toda a beleza de sua vegetação tropical e de um cosmo de ideias, impressões, inspirações e até mesmo percepções profundas, entre as quais a que o Brasil é sinônimo não só de constantes e surpreendentes inovações, como também de visões.

Com toda a razão, o fundador de Inhotim, Bernardo Paz, pode ser chamado de visionário porque, para ele, o projeto é muito mais do que um museu ao ar livre, - representa uma forma de viver, que inclui também, ao lado da arte e de uma natureza moldada sob aspectos ecológicos, questões de sustentabilidade da inclusão social e da educação.

Embora seja verdade que o projeto comunitário, - no qual ele investiu a quantia de 250 milhões de dólares, obtida com a venda de uma de suas empresas, assim como de outras somas impressionantes investidas -, não se pode financiar autonomamente e depende de apoio patrocinado, ele criou empregos para 700 funcionários, dos quais a grande maioria mora nas redondezas imediatas e por sua vez entusiasma muitos voluntários, levam grupos sociais menos privilegiados ao encontro com a arte e dão verdadeiras aulas em matéria de sustentabilidade. Estas também são razões pelas quais vale a pena de pegar o caminho para Brumadinho. Diferentemente de uma visita ao museu, que inclui-se em um programa de sight-seeing, é uma peregrinação que, no melhor dos casos, recoloca purificadas as pessoas na realidade do século XXI. No pior dos casos, fez-se um passeio prolongado e muito bonito.

O projeto Inhotim, rua B 20, Inhotim, Brumadinho, www.inhotim.org.br, está aberto durante o ano todo, de terças a sextas, de 9:30 às 16:30 horas, assim como aos sábados e domingos, de 9:30 às 17:30 horas. Às 11 horas e às 14 horas oferecem-se passeios com guia em parte também em inglês. Chega-se a Inhotim, a cerca de 60 km de Belo Horizonte, de ônibus ou de carro, pela BR 381.



IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Roberto Burle Marx era pintor, designer, arquiteto, botânico e escultor, e por cima, um apaixonado cantor de ópera: era mesmo um multitarefa. Ele cantava sómente para a família e grupos de amigos íntimos, mas como paisagista ganhou fama mundial. O seu maior mérito foi integrar a flora nativa aos jardins



brasileiros, porque até a década de 1940 considerava-se chique apenas o que vinha da Europa. Burle Marx nasceu em 4 de agosto de 1909 em São Paulo, quarto filho de Wilhelm Marx, imigrante alemão que veio da cidade de Trier em 1898, e da pianista e cantora brasileira Cecília Burle. Ele cresceu no Rio de Janeiro e queria, no início, ser cantor profissional; no entanto, estudou pintura. Entre 1928 e 1929 continuou os seus estudos em Berlim. Curiosamente, adquiriu seus conhecimentos da flora brasileira nas estufas do Jardim Botânico de Berlim, onde ele desfrutava cada minuto livre. De volta à América do Sul estudou, entre outras, na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. No entanto, ele nunca concluiu seus estudos. Seu primeiro grande projeto foi o paisagismo na orla de Copacabana, até hoje existente. Ele utilizou filodendros, ipês e helicônias, o que causou certo ceticismo no Brasil, porém agradou aos críticos estrangeiros. Entre 1934 e 1937 foi diretor da administração de parques e jardins, no Recife, mas foi a partir de 1949 que ele criou o seu legado florido: o sítio Santo Antônio da Bica, no Rio de Janeiro, com uma extensão de 36.000 m², onde morava, e que inclui jardins, assim como viveiros de plantas. Entregou o sítio em 1985 a uma fundação cultural, o que o tornou aberto à visitação pública. Burle Marx, o fundador do paisagismo moderno, faleceu em 4 de junho de 1994 no Rio de Janeiro. *cl*

ANZEIGE



TIME TO CHAIN

PROCESSING - STORAGE - PACKING - FILLING - PALLETIZING - LOADING

Aprimore seu processo com as melhores soluções.

E se você pudesse aprimorar toda o seu processo de produção exclusivamente com tecnologia de primeira classe e assim colocar toda a responsabilidade em uma mão?

Com a HAVER & BOECKER Holding Americas agora é possível fazer exatamente isso. Com o gerenciamento de projetos da Verbor, a tecnologia de processamento da HAVER & BOECKER Mexicana, as tecnologias de processamento, armazenamento, embalagem e paletização da HAVER & BOECKER Latinoamericana e HAVER & BOECKER Andina, bem como com o suporte técnico da HAVER & BOECKER Serviços apenas as melhores marcas do mercado serão usadas para formar uma linha de produção com as melhores soluções.

Para maiores informações entre em contato com Adrian Gamburggo:
 Telefon: +55 19 3879 9147
 E-Mail: agamburggo@haverbrasil.com.br
 www.haverbrasil.com.br

HAVER & BOECKER



A obra Magic Square de Hélio Oiticica no parque Inhotim

BRASIL & ALEMANHA

IMPRESSÕES DE UM PAÍS



“O verdi Brasileiro” Antonio Carlos Gomes (1836 – 1896) é tido como o músico romântico mais importante do Brasil. Em 1864, o músico ultra-talentofo foi mandado a Milão pelo imperador D. Pedro II, onde se formou em composição em apenas dois anos. A sua obra *O Guarany* é tida como obra-chave da história da música brasileira. Sua estréia se deu em 1870 no Scala, de Milão. Gomes, que tem descendência direta dos índios guarani por parte de sua bisavó materna, compôs *O Guarany* dentro do estilo da época, com cenários fartos de multidão e linhas melódicas caprichosas. O Teatro de Bonn trouxe o maior sucesso de Gomes, em 1994, em uma encenação notável com o famoso tenor Plácido Domingo (na foto). *stau*



Prêmio da Paz O ativista brasileiro Ruben César Fernandes (na foto) recebeu o Prêmio da Paz do estado alemão de Hessen. Há duas décadas, o ativista de 71 anos começou a luta contra a excessiva violência nas favelas do Rio de Janeiro, que originou o projeto Viva Rio. Hoje, trabalham no Viva Rio alguns milhares de empregados fixos bem como ajudantes voluntários. O projeto evoluiu para uma organização de bem-estar. “Nós nos transformamos de um laboratório social para uma instituição de prestação de serviço de bem-estar social”, diz Fernandes. A instituição oferece formação e trabalho, esporte, cultura e também fornece empréstimos para a construção de pequenas empresas. *bil*

Havaianas No Brasil, já não se usa mais os chinélos coloridos só na praia, mas também nas ruas, nos escritórios e nas festas. Uma moda que também pegou na Europa, mesmo que, por aqui, continue sendo um calçado usado no lazer. As sandálias confortáveis fazem parte de uma história de sucesso brasileira: os chamados “flipflops”, chinélos de banho de plástico, são de fabricação fácil e barata que foram, nos anos 60, acessíveis a qualquer um, tornando-se assim peças básicas do vestuário dos habitantes das favelas, que viviam nos bairros pobres das grandes cidades brasileiras. São chamados de “havaianas”, pela marca conhe-



cida do maior produtor mundial destas sandálias “flipflop”, que estima ter produzido mais de 2,3 bilhões de pares desde 1962. Nos anos 90, porém, iniciou-se uma mudança de imagem da empresa brasileira: as havaianas ganharam *status* de produto de um estilo de vida, tornando-se mais “chique” em cores e design. Agora, são produzidas com solas de borracha em vez de plástico. Hoje em dia, vê-se o presidente dos Estados Unidos usando-as na praia ou modelos desfilando com elas pelas passarelas de moda de Paris. A famosa modelo brasileira Gisele Bündchen criou a sua própria coleção de “flipflops” com o nome de Ipanema. De onde vem o nome “flipflop” não se sabe ao certo. Há quem diga que seja derivado do barulhinho que o chinélo faz ao andar. *vcp*

O charme do sul

O Brasil é o quinto maior produtor têxtil do mundo. Um insight no ramo



Izabel Goulart desfilou pela Água de Côco na mais recente Fashion Week de São Paulo

CAROLA V. POMPETZKI

Antes mesmo da Copa do Brasil, já se sabia que o sol brilha intensamente neste país. O jogador da seleção alemã Thomas Müller se sentia como em uma sauna. “Aqui se percebe a capacidade fascinante de um cacto para sobreviver” filosofou, após o jogo das quartas de final no Rio. O clima quente deve ser um dos motivos pelos quais as pessoas neste país ensolarado e de extensas praias preferem usar roupa leve e arejada. Nas praias se mostram auto-confiantes do próprio corpo em pequenos biquínis e maiôs. A moda de

praia e de banho espetacular figura entre os artigos de exportação mais conhecidos e almejados do país.

O que o ramo de moda oferece além disso é pouco conhecido na Europa. Mesmo que se conheça o nome de super modelos brasileiras como Gisele Bündchen, Alessandra Ambrósio e Adriana Lima, o mesmo não se dá em relação aos designers brasileiros. O que não deixa de ser estranho, quando se observa os números da Apex Brasil (Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimentos): a indústria têxtil brasileira gerou em 2011 cerca de 3,5% do PIB. O país encontra-se entre os dez maiores do mercado mundial de produtos tex-

teis, entre os quais, tecidos, fibras, materiais de tecelagem, sapatos e confecções. O Brasil é o 5º maior produtor têxtil do mundo, além disso, o 2º maior exportador e o 3º maior consumidor de denim (produtos jeans). O ramo teve em 2013 uma receita bruta de 18,7 bilhões de euro. Em torno do negócio da moda contou-se, no ano passado, 1,7 milhões de empregos diretos e oito milhões de empregos indiretos. No total existem cerca de 30 mil empresas na área têxtil. O ponto de atração mais importante para o público especializado e jornalistas do mundo inteiro é a Fashion Week São Paulo, que acontece duas vezes ao ano e agora conta entre as cinco maiores Fashion Weeks do mundo. Designers brasileiros também se destacam internacionalmente. Francisco Costa, por exemplo, após ter trabalhado junto aos estilistas Oscar de La Renta, Bill Blass e Gucci, é, desde 2001, creative director na Calvin Klein e responsável pela linha minimalista feminina. Ao lado dele sobre o tapete vermelho apresentam-se celebridades como Nicole Kidman em uma de suas criações.

Por ocasião da London Fashion Week, a brasileira de nascimento, Bárbara Casasola, que trabalhou com Roberto Cavalli e Lanvin, apresenta, duas vezes ao



A modelo Gisele Bündchen apresenta Adriana Degreas (à esquerda). O Diretor de Criação da Calvin Klein: Francisco Costa (à direita). Fotos da passarela da marca Ronaldo Fraga, na Fashion Week em São Paulo (abaixo)



ano, as suas coleções. As especialidades de Casasola são: coleções ecologicamente sustentáveis em tecidos flutuantes, plissés bem elaborados e formas geométricas. Casasola hoje mora em Londres. Entre uma de suas maiores fãs está a atriz Gwyneth Paltrow.

De São Paulo para o mundo o brasileiro Carlos Miele, de descendência italiana, conduz sua griffe, “Carlos Miele”, fundada em 2002. Quatro anos mais tarde ele criou uma segunda linha assinada simplesmente “Miele”, assim como a coleção própria Denim. As suas coleções da linha feminina são vendidas em mais de 30 países no mundo todo. Ele possui flagshipstores em Nova Iorque, Paris e São Paulo. Em suas criações ele mistura as mais novas tecnologias com artesanato brasileiro. Neste projeto ele trabalha em conjunto com artistas de favelas e apóia movimentos de fair-trade.

Já a griffe brasileira Colcci, que comercializa em mais de 30 países, foi fundada em 1986, por um grupo de designers, aposta em publicidade com a participação de celebridades. Colcci oferece moda jovem de preços acessíveis com muitos elementos street style, camisetas e calças jeans. A super modelo Gisele Bündchen desfilou por esta marca nas passarelas, e, em campanhas de publicidade, participaram Paris Hilton, Ashton Kutcher e Alessandra Ambrósio, entre outras.

Já a griffe Cori se especializou em moda executiva-clássica feminina. Fundada em 1957 em São Paulo, a griffe conta entre os primeiros da moda Prêt-à-Porter no Brasil. Atualmente, com suas peças clássicas, encontra-se em situação estável, entretanto, nos anos 60 provocou um pequeno escândalo ao difundir o uso de calças para mulheres.

Doce, apimentada, aromática e colorida

A cozinha brasileira vive das influências africanas, indígenas e europeias

É difícil definir a cozinha brasileira. Por ser o Brasil tão grande e rico em diversidade, também as opções culinárias se apresentam nas mais variadas formas. No quarto maior país do mundo, se encontram várias culturas e os hábitos alimentares se enriquecem mutuamente. As tradições dos escravos africanos e dos colonizadores portugueses se misturaram e incorporaram também os recursos fornecidos pela natureza tropical, assim como as tradições indígenas. Nota-se, em especial, o generoso uso de especiarias. As plantas nativas como o arroz, o feijão preto, a mandioca e, também, o bacalhau asseguraram, durante séculos, um lugar certo nos pratos do país. Algumas comidas conquistaram o país inteiro, como, por exemplo, o churrasco – o espeto de carne grelhada na brasa – que tem sua origem na tradição dos gaúchos do sul do país. A iguaria está presente nas grandes churrasarias que dos seus espetos servem carne de boi, de porco e de frango, como também salchichas. A comida nacional mais tradicional, porém, é a feijoada, que é encontrada por toda a parte. No passado escravagista do país, era feita com pedaços de carne que, nas casas das senhoras, eram deixadas para os escravos: orelhas, rabinhos e pés de porco, assim como o toucinho. Hoje em dia, porém, nos restaurantes, a feijoada é elaborada com carnes de qualidade. Mas a essência do prato é a mesma: um ensopado forte servido com arroz e farinha de mandioca. Para a sobremesa, os brasileiros adoram o quindim, um tipo de pudim de coco com uvas passas. Além das comidas nacionais, cada região tem sua culinária própria. Assim, no Norte do país predominam os costumes indígenas e o peixe é o alimento principal. Nada estranho, pois a costa brasileira é longa: tem oito mil km de extensão. Os pratos são temperados com ervas nativas, pimenta vermelha, gengibre, coentro, noz moscada, entre outras. No Nordeste, as influências africanas são mais acentuadas. O azeite de dendê, o leite de coco, a banana da terra e a malagueta vermelha, que se encontram na cozinha baiana, mostram claramente as raízes africanas. Já no Sudeste, as pessoas gostam de



Frutos do mar, coentro e pimenta to-fresca fazem parte da cozinha baiana

Toda a glória da Belle Époque

A Confeitaria Colombo transporta os seus clientes ao século XIX

HILDEGARD STAUSBERG

A decoração do interior é simplesmente magnífica: os espelhos gigantes são da Bélgica, as maravilhosas lujotas são de Portugal, a linda porcelana é da França, as mesas redondas de mármore são da Itália e o elevador – como não poderia ser diferente – veio da Alemanha. Precisa ser dito: nenhuma antiga confeitaria vienense conserva até hoje tanto luxo!

Mas não estamos na capital antiga da monarquia austro-húngara e sim na antiga capital do Brasil, o Rio de Janeiro, onde, no antigo coração da cidade encontra-se, na estreita Rua Gonçalves, espregada entre ruas maiores e mais importantes e que tem apenas a extensão de quatro quarteirões. Estes, no entanto, são uma verdadeira maravilha. As fachadas de suas casas espelham a riqueza do final do século XIX que tanto marcou a cara da cidade do Rio de Janeiro. Infelizmente, muitas delas foram vítimas de verdadeiras “orgias” modernizadoras nas últimas décadas. Por sorte uma geração nova de urbanizadores hoje entende que é preciso resgatá-las a qualquer preço.

A Confeitaria Colombo nunca foi ameaçada de demolição, uma vez que ela sempre foi muito bonita para ser destruída. E por ser tão bonita sempre agradava também aos estrangeiros. Naturalmente, foi assim também na recente Copa do Mundo de 2014. Certamente, a casa atrairá muito mais admiradores

por ocasião da Olimpíada de 2016, cuja sede é o Rio de Janeiro.

A Confeitaria Colombo foi inaugurada em setembro de 1894. Havia apenas cinco anos que a monarquia brasileira, até mesmo bastante popular na época, cedera lugar a uma forma de Estado republicana. É importante mencionar que foi através desta mesma monarquia que se evitou o desmembramento em diversas partes do antigo império colonial português.

Sem os esforços da coroa portuguesa para manter a união entre áreas distintas haveria certamente dois ou três países na área que hoje é o Brasil, como se deu nos demais países da América Latina de língua espanhola. A Confeitaria Colombo atesta que o estilo do império não se perdeu totalmente, mas continua vivo nesta casa que mantém a mesma elegância dos tempos de sua fundação por dois portugueses. Como faz bem retirar-se para a Confeitaria Colombo fugindo da agitação do centro comercial, entre a Avenida Rio Branco e a Avenida Presidente Vargas, para se deixar envolver por este mundo tão elegante e calmo do Fin de Siècle e da Belle Époque.

Era isto que muitos políticos brasileiros faziam com muito prazer quando o Rio de Janeiro era ainda a capital do Brasil, até 1960. Naquela época, a Confeitaria Colombo não estava muito longe dos centros do poder, como por



Metade da Europa se apresenta na decoração interior da cafeteria

exemplo, a sede da Presidência da República, o Palácio do Catete, que foi construído pelo barão do café luso-brasileiro, Antônio Clemente Pinto, o Barão de Nova Friburgo, e comprado, em 1896, pelo governo brasileiro e transformado em Palácio Presidencial. Foi ali onde Getúlio Vargas, o homem forte do Brasil nas décadas de 30 e 40 do século passado, se suicidou pouco depois de ter tomado o seu último cafezinho com os seus amigos mais fiéis, na Confeitaria Colombo.

Também Juscelino Kubitschek, o homem que diminuiu radicalmente a influência do Rio de Janeiro ao transferir a capital federal da costa para o interior ainda inexplorado, era, mesmo assim, um cliente bem vindo. Filho de uma imigrante descendente da região da Boêmia, na atual República Tcheca, foi presidente de 1956 a 1961 e decidiu fazer de Brasília, cidade toda planejada, a nova capital federal. A partir de então, muitos cariocas prefeririam não ter a presença do presidente na cidade. Porém, JK não lhes fez este favor, pelo contrário, continuou frequentando com muito prazer a Confeitaria Colombo.

O cardápio da Confeitaria Colombo oferece algumas surpresas, como por exemplo Romeu e Julieta, um dos pratos mais tradicionais – queijo branco com goiabada, doce favorito dos brasileiros; ou então um chocolate quente com alto teor de cacau que é servido com uma porção generosa de chantilly e diversos biscoitinhos.

das as formas de preparo do feijão. Na forte e rica cozinha mineira distingue-se nitidamente as raízes portuguesas: feijão com bacon e farinha de mandioca (o famoso “tutu de feijão”) e uma variedade grande de compotas e especiarias de caramelo compõem o cardápio. A influência europeia, como um todo, expressa-se nos pratos de carne da região Sudeste. Via de regra, o alho é indispensável na cozinha brasileira; bem amassado, ele faz parte do preparo de quase todas as comidas. Já nos vários pratos de peixe, assim como nas espécies exóticas de legumes, é o coentro que determina o sabor inconfundível. Não se esquecendo, é claro, da pimenta malagueta, aromática e forte.

No Brasil quase todos os ingredientes vêm diretamente da feira. O frescor e a diversidade exótica da terra inspiram o chef de cozinha brasileiro Alex Atala, que aprendeu o seu ofício nos melhores restaurantes da Europa. Hoje, de volta a sua pátria, cozinha sempre à procura de inovações ainda desconhecidas e subestimadas. Está sempre em contato com a floresta tropical em busca de inspiração da cozinha nativa. “A cozinha brasileira basicamente é muito simples, mas nem sempre fácil de preparar”, explica o chef em seu novo livro de receitas, “porque muitos ingredientes são de origem do coração do Brasil e difícil de encontrar em outros lugares”. *Simone Jacobius*

(Alex Atala, *A nova cozinha brasileira*; Ed. Phaidon ISBN978-3-944297-07-1).